

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho” –
Instituto de Artes - Campus São Paulo

JÚLIA SÁNCHEZ

CADERNOS E REGISTROS:
Potência Pedagógica e Processo Criativo

São Paulo
2022

JÚLIA SANCHEZ

CADERNOS E REGISTROS:
Potência Pedagógica e Processo Criativo

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Bacharel e Licenciado em Artes Visuais, pelo Curso de Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista - Unesp"

Linha de Pesquisa: Histórias de Vida

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S211c	Sánchez, Júlia, 1999- Cadernos e registros : potência pedagógica e processo criativo / Júlia Sánchez. - São Paulo, 2022. 77 f. : il. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Artes. 2. Memória autobiográfica. 3. Narrativas pessoais. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 709.05
-------	--

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

JÚLIA SÁNCHEZ

CADERNOS E REGISTROS:
Potência Pedagógica e Processo Criativo

Trabalho de Conclusão de Curso
aprovado como requisito parcial para
obtenção dos títulos de Bacharel e
Licenciado em Artes Visuais, pelo Curso
de Bacharelado e Licenciatura em Artes
Visuais do Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista - Unesp

Aprovado em: 06/12/2022

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli
UNESP - Instituto de Artes “Júlio de Mesquita Filho”
Orientadora

Mestranda em História da Arte Maria Isabel Dagli Hernandez
Universidad de Oviedo - Espanha

Prof.^a Luciana Martins Tavares de Lima
UNESP - Instituto de Artes “Júlio de Mesquita Filho”



Dedicado a todos que nunca saem de
casa sem um caderno na bolsa

RESUMO

Este é um trabalho sobre cadernos e sobre o ato de registrar. A metodologia de pesquisa utilizada foi a de história de vida. Entendendo um caderno como um companheiro na vida do artista, foram selecionados e analisados uma série de cadernos realizados e preenchidos ao longo de toda minha vida, traçando um panorama de minha relação com a arte e de produção artística. Além disso, o caderno foi definido como um suporte onde acontece o registro, ato tão importante para o processo criativo. Entende-se o processo criativo não só como um meio, mas também como um fim, de modo que é tão importante quanto a obra tida como acabada. O presente trabalho dedica-se a estudar tudo aquilo que não tem fim, isto é, o processo.

Palavras-chave: caderno; registro; processo; memória.

RESUMEN

Este es un trabajo sobre cuadernos y sobre el acto de registrar. La metodología de investigación utilizada fue la de historias de vida. Entendiendo un cuaderno como un compañero en la vida del artista, fueron seleccionados y analizados una serie de cuadernos realizados y rellenados a lo largo de mi vida, trazando un panorama de mi relación con el arte y de mi producción artística. Además, el cuaderno fue definido como un soporte donde ocurre el registro, un acto tan importante para el proceso creativo. Se entiende el proceso creativo no solamente como un medio, sino también como un fin, de modo que es tan importante como la obra considerada acabada. El presente trabajo se dedica a estudiar todo aquello que no tiene un fin, es decir, el proceso.

Palabras clave: cuaderno; registro; proceso; memoria.

Sumário

Introdução.....	p.8
Coleção de Palavras.....	p.11
PARTE 1: Cadernos e Registros.....	p.12
Cadernos e Livros: Encontros e Desencontros.....	p.12
O Registro e o Processo Criativo.....	p.13
PARTE 2L: Cadernos Escolares: Potência Pedagógica.....	p.17
O caderno como um companheiro.....	p.22
Desenhos Coletivos.....	p.27
Propostas de Atividades.....	p.30
Cultura Visual.....	p.35
Potência Pedagógica.....	p.40
PARTE 2B: Cadernos: Registros e Processo Criativo.....	p.42
O Registro como Potência.....	p.42
O Registro como Obra.....	p.43
Para além do caderno: voz, corpo, vestígio; o registro como ação.....	p.45
Cadernos de Artista: Reconfigurados e Reorganizados.....	p.51
Caderno nº 1.....	p.53
Caderno nº 2.....	p.56
Caderno nº 3.....	p.59
PARTE 3: Um novo velho caderno.....	p.61
Caderno nº 4.....	p.65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.73

Introdução

Este é um trabalho sobre registros e cadernos, que parte dos pressupostos da Crítica Genética (SALLES, 1998; 2006). A criação é entendida enquanto processo, e a obra enquanto sistema aberto. No decorrer do trabalho, foram desenvolvidas reflexões sobre o papel do registro no processo de criação. O caderno entra como um dos lugares onde esse registro pode acontecer.

É importante apontar que este trabalho foi inicialmente pensado como um Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais tanto de Licenciatura quanto de Bacharelado. Por motivos de forças maiores, o texto foi dividido em dois, a introdução e o primeiro capítulo permanecem o mesmo em ambos. A parte referente à Licenciatura foi nomeada 'Parte 2L: Cadernos Escolares: Potência Pedagógica' e a do Bacharelado, 'Parte 2B: Cadernos: Registros e Processo Criativo'. A razão pela qual a parte de Licenciatura vem antes é puramente cronológica; o trabalho trata de cadernos infantis, enquanto a parte de Bacharelado compreende cadernos mais tardios.

A estrutura deste trabalho tem a ver com a própria estrutura do curso de Artes Visuais da Unesp. O primeiro ano é idêntico para todos os alunos, tanto para aqueles que desejam cursar apenas a Licenciatura ou apenas o Bacharelado, quanto para os que desejam cursar ambos. A partir do segundo ano, fica mais clara a divisão entre eles. Entendendo que esses dois pólos não são opostos, mas sim complementares e indissociáveis, e partindo do pressuposto de que o Trabalho de Conclusão de Curso é uma pesquisa que se faz ao longo de toda a Graduação, se faz necessário realçar que as pesquisas de Licenciatura de Bacharelado são, também, indissociáveis.

Dentro do campo das Artes Visuais - porém não só -, é muito comum que artistas mantenham o hábito de escrever e desenhar em cadernos. Esse caderno pode ter muitos nomes dependendo de sua função majoritária. Alguns o chamam de caderno de artista, *sketchbook*, caderno de rascunho, caderno de criação, caderno de anotações, entre muitos outros termos. A diversidade de nomenclaturas tem a ver com a grande diversidade de funções que um caderno pode ter. Neste trabalho, será utilizado o termo 'caderno', de maneira mais abrangente, de forma que englobe todos esses outros termos.

No primeiro capítulo deste trabalho, é feita uma definição do conceito de caderno, explorando sua potência enquanto lugar onde mora o registro. Além disso, são pensados alguns conceitos dentro do campo de estudos da Crítica Genética, partindo de textos de Cecília Almeida Salles, que nos servirá como referência bibliográfica.

Além disso, há uma seção neste trabalho que foi chamada de 'Coleção de Palavras', nomenclatura bastante literal; trata-se de uma série de palavras que foram colecionadas ao longo do processo de feitura deste trabalho. O ato de coletar tem a ver com o ato de registrar, um dos temas centrais do trabalho e que será retomado mais adiante. As palavras que estão lá foram selecionadas porque, de alguma maneira, dialogam com esta pesquisa e foram importantes para o processo de elaboração da mesma. A ideia é que essa lista seja uma espécie de glossário, de modo que foram dadas definições para cada uma das palavras. Essas definições, contanto, não são definições formais, nem definições retiradas de dicionário, mas sim definições poéticas, isto é, definições que foram criadas por mim, que julguei que, de maneira poética, funcionavam para explicá-las. As palavras foram escolhidas com o intuito de mapear e criar uma espécie de cartografia deste trabalho, de modo que serviram como um norte enquanto ele ia sendo escrito.

Na Parte 2L, referente à Licenciatura, partimos da metodologia de história de vida para falar sobre cadernos de infância. Nesse capítulo, é explorada a potência pedagógica dos cadernos a partir de exemplos concretos de cadernos pessoais da época escolar. Foram selecionados 6 cadernos, a partir dos quais é feita uma reflexão dividida entre os seguintes tópicos: desenhos coletivos, propostas de atividades e cultura visual. A análise desses seis cadernos foi feita pensando na potência pedagógica deles, tanto num sentido de uma potência pedagógica pensada para o próprio aluno, quanto no sentido de formação artística, da qual tomo consciência após revisitá-los, anos mais tarde.

Na parte de Bacharelado, pensamos na ideia do registro por dois vieses, o registro como potência para futuras obras, e o registro como obra em si. Em seguida, analisamos o registro de maneira expandida, para além dos cadernos, citando alguns exemplos de artistas que trabalham com esse conceito dentro de suas poéticas, como José Leonilson, Ana Mendieta e Richard Long. Então, é feita uma análise de um trabalho realizado por mim em 2018, que consiste em uma série de cadernos elaborados a partir de cadernos antigos.

O ponto de conexão entre os trabalhos de Licenciatura e de Bacharelado se dá não apenas no tema, mas também na metodologia de pesquisa. Ambos utilizam a história de vida como metodologia. Trata-se de uma investigação de meus próprios cadernos e de minha própria produção artística, desde a época da infância até o presente. O ponto culminante entre essas duas partes se dá na 'Parte 3: Um novo velho caderno'; toda essa investigação chega ao que foi nomeado como 'Caderno nº4', realizado utilizando a mesma técnica e metodologia que os cadernos analisados na parte de Bacharelado. É um caderno elaborado a partir de antigos cadernos, feitos ao longo de todo o período de graduação. Trata-se da materialização de todo de pesquisa desenvolvida neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Coleção de palavras

As seguintes palavras foram coletadas, armazenadas e pensadas durante o processo de feitura deste trabalho:

**registro - processo - anotações - movimento - caderno - livro - suporte - objeto
- cadeia - rede - memória - rastro - vestígio - olhar - poético - paixão - arquivo -
transfiguração - coleção - autobiografia - vida**

Definições poéticas:

registro: ação que mantém a memória viva

processo: tudo, o tempo todo

anotações: recursos gráficos para o registro

movimento: tudo aquilo que está vivo

caderno: o lugar do talvez

livro: onde podem existir muitos mundos

suporte: aquilo onde algo pode se sustentar

cadeia: elementos interligados

rede: entrelaçamento de ideias

memória: ativação do presente

rastro: marcas produzidas pela passagem de algo ou alguém

vestígio: um sinal de que algo aconteceu

olhar: o modo único que cada ser tem de entender o mundo

poético: tudo aquilo que afeta

paixão: é pior que andar em ônibus lotado¹

arquivo: organização de memórias

transfiguração: deixar de ser lugar comum

coleção: guardar e organizar pedaços do mundo

autobiografia: narração de si

vida: quem me dera ter uma boa resposta

¹ Título de uma obra de José Leonilson. "Paixão é Pior que andar em ônibus lotado" Caderno ilustrada/fim de semana, p.2, 9 de abril de 1993

PARTE 1

Cadernos e Registro

Cadernos e Livros: encontros e desencontros

Cadernos são objetos que, em maior ou menor instância, em algum momento, existiram na vida de praticamente todo mundo. Seja enquanto caderno de estudos, caderno ou bloco de anotações, diário pessoal, diário de viagem, caderno de desenho ou *sketchbook*. São objetos presentes na história individual e coletiva da humanidade (SUZUKI, 2014, p. 25). Cadernos podem tanto ser simplesmente suportes para o estudo e para o trabalho, um lugar onde é depositado conteúdo e informações, quanto podem também ser um espaço de experimentação, um objeto que evoca o sensível e o poético, e é esse segundo entendimento o que iremos desenvolver neste trabalho.

Mas o quê, ao final, caracteriza um caderno? Iniciaremos essa reflexão pensando nas diferenças e semelhanças entre cadernos e livros, simplesmente por sua similaridade em relação ao formato, que é talvez a conexão mais imediata que podemos fazer entre ambos. Tradicionalmente, ambos são retangulares e consistem em múltiplas folhas de papel, unidas por algum tipo de encadernação, como cola, costura ou grampos, além de possuírem uma capa e uma contracapa. Geralmente contêm texto e/ou imagens, as páginas tem uma sequência a ser seguida, e são lidos da esquerda para a direita (com exceção de países com escrita árabe, japonesa, chinesa, entre outras).

Uma diferença possível, porém não absoluta, é que o livro tende a ser impresso, enquanto o caderno tende a ser escrito/desenhado à mão. Cadernos, em geral, abarcam ideias em desenvolvimento, atos de registro, ou possíveis soluções para problemas, têm um caráter mais espontâneo e emergencial. O livro, por sua vez, traz consigo um caráter mais permanente e sólido e tende a ser previamente preenchido por um terceiro, enquanto o caderno abre lugar para ser preenchido pelo seu dono.

Quando falamos em livros, mais especificamente Livros de Artista, parece não haver um consenso entre críticos, pensadores e artistas quanto à sua definição. A partir dos anos 60, os Livros de Artista não só se consolidam como uma linguagem própria dentro das Artes Visuais, como também se desenvolvem como

tema de pesquisa para muitos pesquisadores e historiadores da arte. Apesar de tratar-se de um conceito bastante abrangente e heterogêneo, parece haver alguns pontos em comum entre as muitas das tentativas de defini-lo. O primeiro ponto é a sua grande flexibilidade nas variações de conteúdo, forma e materiais. O segundo ponto é o entendimento do Livro de Artista como uma obra de arte por si mesmo, ao contrário do caderno. O Caderno de Artista também pode ser entendido como uma categoria, linguagem, ou suporte artístico, porém, não é possível assinalá-los em um momento específico dentro da História da Arte, já que estiveram presentes como fiéis companheiros de diversos artistas em diversos períodos históricos.

Sendo assim, entendemos que enquanto o livro é um objeto artístico em si, **o caderno é um suporte para o registro, que materializa e potencializa o processo criador**. Tendo isso em mente, e entendendo que um dos objetivos do presente trabalho é pensar a potência do registro, fica evidente que o objeto de estudo são os cadernos e não os livros.

O Registro e o Processo Criativo

Segundo Clarissa Suzuki (2014, p. 24), o caderno é algo que tem um formato historicamente definido, com folhas brancas aguardando interferências, é um espaço gerador do conhecimento, que materializa o processo criador. Podemos então entender o caderno como um lugar ou um espaço. **Lugar do registro**, um campo onde tudo é possível, onde as coisas não são lineares e, muitas vezes, inclusive, não são nem mesmo inteligíveis. Dentro desse entendimento do caderno como **o lugar do talvez**, o ponto de interesse é a gigante potência que existe por sua infinitude de possibilidades.

Sendo o caderno um lugar e um suporte para o registro, nos cabe aqui perguntar o que é um registro, ou melhor: o que pode vir a ser um registro? Podemos entender o registro como o resultado do ato de registrar, isto é, o ato de tomar nota, escrita, mental ou fotográfica, de algo, algum acontecimento ou pensamento. O caderno surge então como um campo extremamente fértil para o registro, já que pode conter diversas linguagens e códigos, desde desenhos, texto, palavras soltas, até colagens, ou experimentações com os mais diversos materiais. O caderno é, assim, um lugar no qual, ainda que de maneira provisória, se

concretizam pensamentos. O caderno enquanto suporte para o registro pode ser entendido como **uma espécie de ateliê de bolso, de natureza introvertida, ágil e portátil**. O caderno é processo, é banco de dados, dicionário de formas, armazenador de material bruto e de signos (GUARALDO, 2012, p. 654).

Em seu livro *O Gesto Inacabado* (1998), Cecília Salles aponta a natureza híbrida do processo de anotações dentro do processo de criação. "São códigos pessoais, como, por exemplo, o uso de flechas ou determinadas formas geométricas que passam a ter um determinado valor naquele processo, para aquele artista." (p.119). Em geral o caderno é tido como um objeto pessoal e íntimo, que é feito, necessariamente com o intuito de não ser visto por ninguém além daquele que o preenche. Isso favorece a possibilidade de uso de códigos pessoais, que possivelmente só farão sentido dentro do sistema de anotações do próprio artista.

O artista Eduardo Salavisa (2012) diz que um caderno é como um laboratório estético, um espaço de experimentação, reflexão e de liberdade. Ao entender o caráter temporário ou processual do caderno, faz completo sentido a mescla de linguagens, que pode ser mais tarde traduzida em um processo de transmutação de códigos. Não é incomum que artistas visuais façam uso de múltiplas linguagens em seus cadernos, mais usualmente o desenho e a escrita, e que mais tarde essas anotações se transformem em pinturas, esculturas ou instalações.

Aliado ao facto de ter uma capa que resguarda e um tamanho transportável, o caderno é constituído por um conjunto de folhas, presas por um dos lados, o que faz com que não se possa trocar a sua ordem. E o estarem em sequência realça a sua ideia diarística de uma intervenção regular, dia após dia, traduzindo um tempo de vida do autor, de um percurso, de um conjunto de experiências ou de situações que acontecem ao longo de um tempo determinado – de uma viagem (SALAVISA, 2012)

Se o registro diz respeito ao ato de registrar, isso significa então que o registro é uma **ação**. Ele pode ser uma anotação ou desenho feito em um caderno, em uma folha solta, em um guardanapo, ou em qualquer superfície que seja de fácil acesso. Mas pode também ser uma fotografia, uma gravação de voz ou um vídeo. O registro pode, portanto, ser sonoro, verbal, visual, ou, inclusive, uma mistura de mais de uma linguagem. Isso quer dizer que há inúmeras maneiras de fazer um registro, que podem ou não estarem contidas em um caderno. Contudo, dentro do campo das Artes Visuais, pode-se dizer que quase sempre o registro tem relação com o ato da criação.

Salles (1998) entende a criação como o conhecimento obtido por meio da ação - a ação de registrar - que passa pela percepção sensível do artista. "A percepção é, portanto, uma possibilidade de aquisição de informação e, consequentemente, de obtenção de conhecimento." (Ibid, p. 123). Essa necessidade do artista de registrar, reter, de pôr em memória, ou de armazenar, pode tanto ser uma maneira de coletar fragmentos que podem futuramente vir a compor uma obra, como também pode ser simplesmente o registro pelo registro.

Bil Luhmann, formado em Artes Plásticas pela Universidade de Santa Catarina, em 2012 realizou a exposição individual "Tudo começa com C", no Museu Victor Meirelles. A exposição estava dividida em módulos, o primeiro sendo uma coleção de botões encontrados pelo artista enquanto ele caminhava na rua (Figura 1). O segundo módulo era uma série de papezinhos utilizados como cola para provas escolares. Outro dos módulos consistia em uma coleção de bilhetes dos mais diversos, listas, recados, anotações. O artista conta que coleciona de tudo, como chaves, band-aids, figurinhas, maços de cigarros, pontas quebradas de lápis de cor. O que Bil faz não é usar o ato de coletar como um preparo ou um estudo para uma futura obra; a coleção é a própria obra, organizada de determinada maneira dentro do espaço expositivo.



Figura 1: Bil Luhmann, Tudo Começa com C

O trabalho de Bil nos leva a pensar nas possíveis relações entre registrar e coletar; será que podemos entender o ato de coletar como um ato de registro? Ao coletar objetos encontrados em suas frequentes caminhadas, o artista não estaria também, de alguma maneira, registrando essas caminhadas? Coleções implicam escolhas: por que este objeto e não este outro? Por que registrar essas coisas e não aquelas outras? Por que isso me chama atenção e aquilo não? Vivemos em um mundo contemporâneo em que reina o acúmulo caótico de informações, experiências e possibilidades (FERNANDES, 2009, p 124) e por isso se faz necessário que exista uma espécie de processo seletivo interior.

No livro *Redes de Criação*, Cecília Salles (2006) trata do processo de criação a partir do conceito de rede. "A obra em criação como um sistema aberto que troca informações com seu meio ambiente " (p.30). Essa troca de informações com o meio ambiente se dá através de interações/relações tanto no âmbito social/cultural, quanto no âmbito individual. "O espaço entre os tempos sociais da criação estão permanentemente interagindo com a individualidade do artista" (Idem p.68). Aqui, podemos voltar a pensar em coleção. O que é o ato de colecionar botões encontrados na rua, senão uma interação entre o indivíduo e o meio?

Esse caminho entre o social e o individual é entendido por Salles tanto como metafórico quanto como literal. Trata-se do momento em que as informações e ideias coletadas ou apreendidas no mundo externo são levadas para o interno, para o ambiente de trabalho, que Salles chama de escritório, mas que pode tratar-se de qualquer local de trabalho, um ateliê, uma oficina, um estúdio. "Trata-se de um percurso sensível e epistemológico de coleta: o artista recolhe aquilo que de alguma maneira toca sua sensibilidade e porque quer conhecer" (Idem p.47). Os cadernos são entendidos como objetos mediadores entre esses dois mundos, que possuem o potencial para serem explorados a qualquer momento e que podem atuar como uma memória para futuras obras.

PARTE 2L

Cadernos Escolares: Potência Pedagógica

Neste capítulo falaremos sobre a potência pedagógica de cadernos a partir da metodologia de história de vida. Para tal, falarei sobre minha própria experiência com cadernos durante o período escolar. Tive a sorte e o privilégio de ter estudado, durante o ensino fundamental, em uma escola de caráter construtivista e que dava muita ênfase ao ensino da Arte. Tenho vívidas memórias das aulas de artes e dos cadernos que mantive ao longo desses anos.

No início de cada ano escolar, era proposto aos alunos construir um caderno. Cada um deveria montar o seu, escolhendo as cores e o tipo de papel que queríamos. Em seguida, com o auxílio do(a) professor(a) de artes, colocávamos a espiral, a capa e a contracapa. A capa era sempre a parte mais divertida desse processo. Às vezes ela podia ser feita de maneira totalmente livre, sobre o assunto e tema que quiséssemos, misturando materiais e técnicas, colagem, desenho, pintura. Outras vezes, nos era instruído criar a capa do caderno a partir de um tema específico, que estava relacionado com o que estudaríamos naquele trimestre. A cada ano tínhamos um objeto de estudo definido, tínhamos algumas aulas iniciais sobre o assunto, para que pudéssemos conhecê-lo melhor, e, em seguida, deveríamos criar a capa do caderno a partir do que havíamos aprendido. Ao longo do semestre estudaríamos o assunto mais a fundo. Houve um ano em que estudamos o movimento Pop Art, e para isso tivemos algumas aulas introdutórias para entender do que se tratava o movimento, com exemplos de artistas e de obras. Em seguida, deveríamos criar nossa capa, de maneira livre; podíamos utilizar canetinhas, tinta, imagens impressas na internet, materiais encontrados pelo ateliê e pela escola. A ideia era que pensássemos em elementos específicos daqui que estávamos estudando, no caso do Pop Art por exemplo, me lembro de falarmos muito sobre a textura reticulada das obras de Lichtenstein, então essa textura reticulada foi um elemento que muitos alunos adicionaram em suas capas. Infelizmente não consegui encontrar o caderno com a capa do Pop Art.

Para a realização deste trabalho, foram analisados 6 cadernos feitos durante o Ensino Fundamental I, em diferentes anos. Para analisar o conteúdo desses cadernos, fiz uma divisão em quatro categorias. A primeira diz respeito a uma proposta feita durante o 4º ano do fundamental, um projeto de incentivo ao uso do caderno, chamado M.A.C.A.C.A. (movimento dos amigos do caprichado e amado caderno de artes). A segunda categoria trata-se de desenhos coletivos, feitos em conjunto com outros alunos. A terceira, são propostas de atividades e lições de casa. A última categoria são desenhos que contêm referências da Cultura Visual.



Figura 1. Fonte: (fotografia do autor)

A Figura 1 é a capa de um caderno do 2º ano. Trata-se de uma capa “dupla”, isto é, feita de duas páginas. A primeira é um plástico, no qual foi feito um desenho com caneta retroprojectora, que contorna o que há por baixo. A segunda página que compõe a capa é uma folha de papel, na qual foi feita uma colagem com um recorte de uma flor de um tecido de Chita, giz pastel oleoso e aquarela.



Figura 2. Fonte: (fotografia do autor)

A Figura 2 também é uma capa do 2º ano, e também é dupla, feita da mesma maneira. Por cima há um plástico, desenhado com caneta retroprojetora, e por baixo uma folha de papel, que foi desenhada com canetinha.



Figura 3. Fonte: (fotografia do autor)

Na capa deste caderno, feita no 3º ano, podemos ver um desenho de Judy Moody, personagem de uma série de livros da autora Megan McDonald. Esta capa também possui uma primeira folha de plástico, na qual o desenho que está por baixo foi contornado com uma caneta retroprojectora de cor preta.



Figura 4. Fonte: (fotografia do autor)

A Figura 4 é a capa de um caderno feito no 4º ano. Feita da mesma maneira que as outras, há um plástico por cima, desenhado com caneta retroprojadora, contornando a colagem que há por baixo, feita com recortes de tecido Chita, canetinha e giz pastel oleoso.

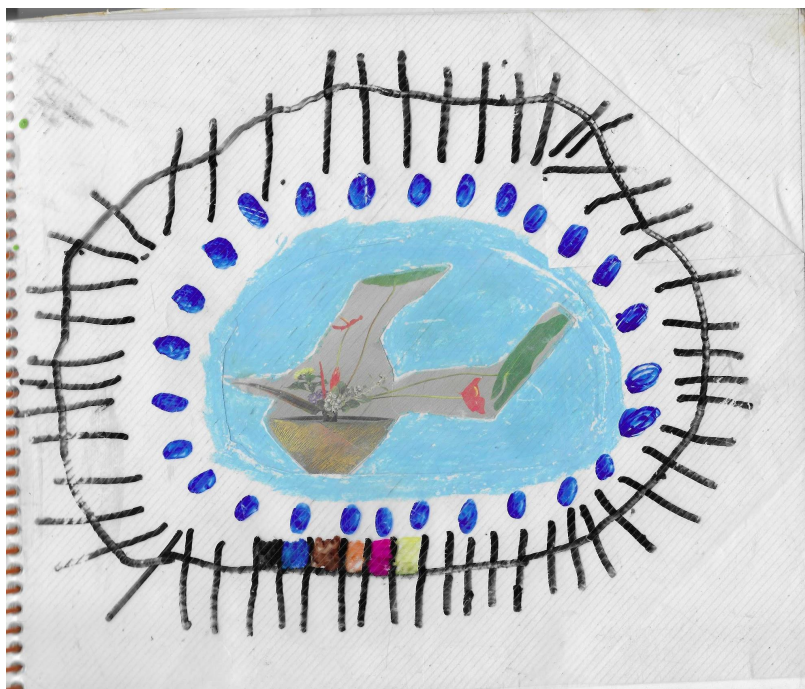


Figura 5. Fonte: (fotografia do autor)

O caderno da Figura 5 é o único cuja data é desconhecida. Assim como nos outros cadernos, a capa é constituída por uma página de plástico, desenhada com caneta retroprojadora, e por baixo há uma colagem, feita com recorte de revista e giz pastel oleoso.



Figura 6. Fonte: (fotografia do autor)

Diferentemente dos outros cadernos, a Figura 6 é a capa de um caderno, do 6º ano do Fundamental, não possui uma folha de plástico sobrepondo-a. Foi feita uma colagem com recortes de diferentes tipos de papéis.

Com o caderno terminado, ele se tornava nosso companheiro durante todo ano, não só nas aulas de arte, mas também fora dela. A ideia era que ele pudesse nos acompanhar em todos os lugares e momentos. Além disso, éramos encorajados a cuidar muito bem do caderno, como se fosse um objeto muito valioso - e realmente era -.

O Caderno como um companheiro

Durante o 4º ano do fundamental, foi proposto para os alunos um projeto chamado M.A.C.A.C.A (movimento dos amigos do caprichado e amado caderno de artes). Para esse projeto, fizemos uma carteirinha do M.A.C.A.C.A para cada aluno, que deveria ser guardada dentro do caderno, cada um deveria trazer de casa elementos de disfarce, como óculos, maquiagem, peruca, chapéus, boné e

acessórios em geral, que seriam utilizados para compor a foto. A foto era tirada durante a aula e em seguida impressa e colada na tal carteirinha. Dessa maneira os alunos deveriam se empenhar em tirar uma foto legal, e cuidar do caderno com carinho, virava quase que uma brincadeira.

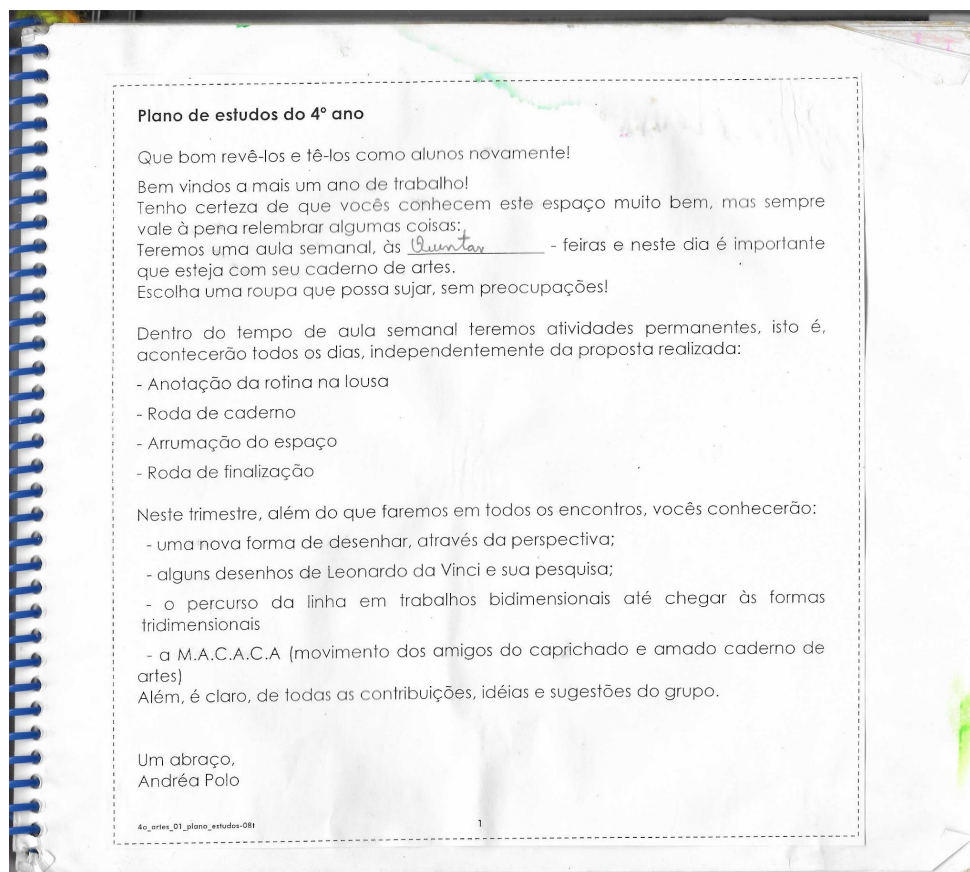


Figura 7. Fonte: (fotografia do autor)

Legenda:

“Plano de estudos do 4º ano

Que bom revê-los e tê-los como alunos novamente!

Bem vindos a mais um ano de trabalho!

Tenho certeza de que vocês conhecem, este espaço muito bem, mas sempre vale À pena lembrar algumas coisas:

Teremos uma aula semanal, às quintas-feiras e neste dia é muito importante que esteja com seu caderno de artes.

Escolha uma roupa que possa sujar, sem preocupações!

Dentro do tempo de aula semanal teremos atividades permanentes, isto é, acontecerão todos os dias, independentemente da proposta realizada:

- Anotações da rotina na lousa
- Roda de cadernos
- Arrumação do espaço
- Roda de finalização

Neste trimestre, além do que faremos em todos os encontros, vocês conhecerão:

- uma nova forma de desenhar, através a perspectiva;
 - alguns desenhos de Leonardo da Vinci e sua pesquisa;
 - o percurso da linha em trabalhos bidimensionais até chegar Às formas tridimensionais
 - a M.A.C.A.C.A (movimento dos amigos do caprichado e amado caderno de artes
- Além, é claro, de todas as contribuições, ideias e sugestões do grupo.

Um abraço,
Andréa Polo”

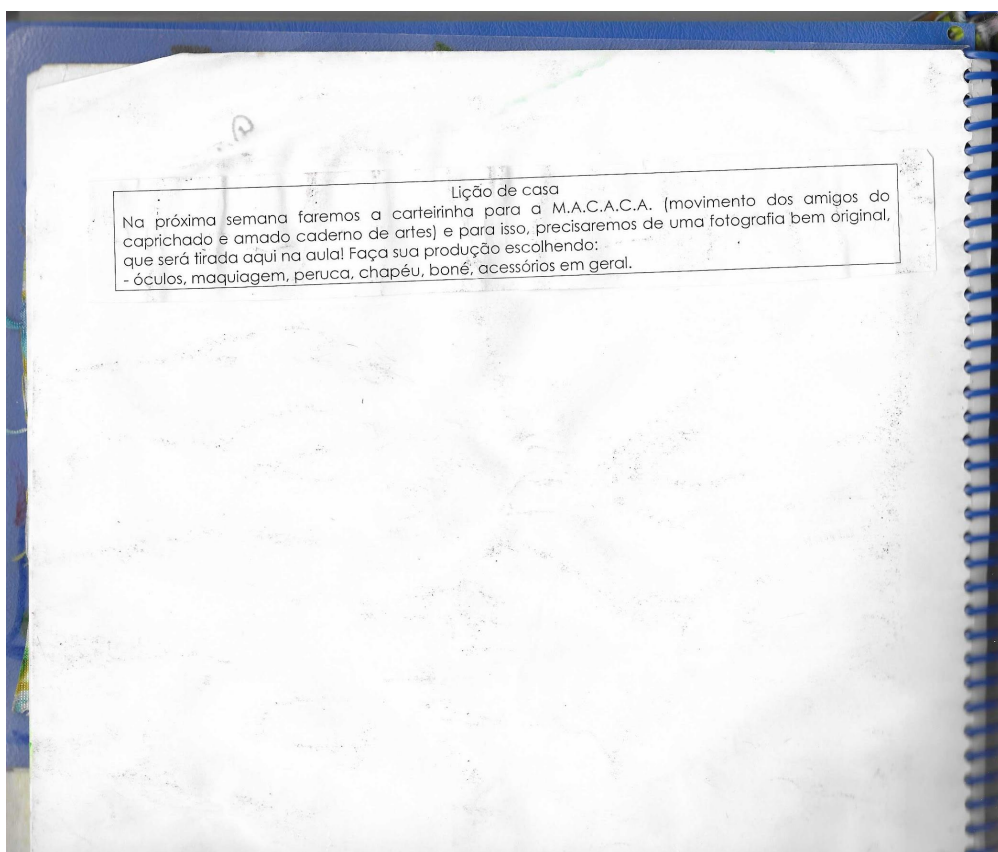


Figura 8. Fonte: (fotografia do autor)

Legenda:

“Lição de casa

Na próxima semana faremos a carteirinha para a M.A.C.A.C.A. (movimento dos amigos do caprichado e amado caderno de artes) e para isso, precisaremos de uma fotografia bem original, que será tirada aqui na aula! Faça sua produção escolhendo:

- óculos, maquiagem, peruca, chapéu, boné, acessórios em geral. “

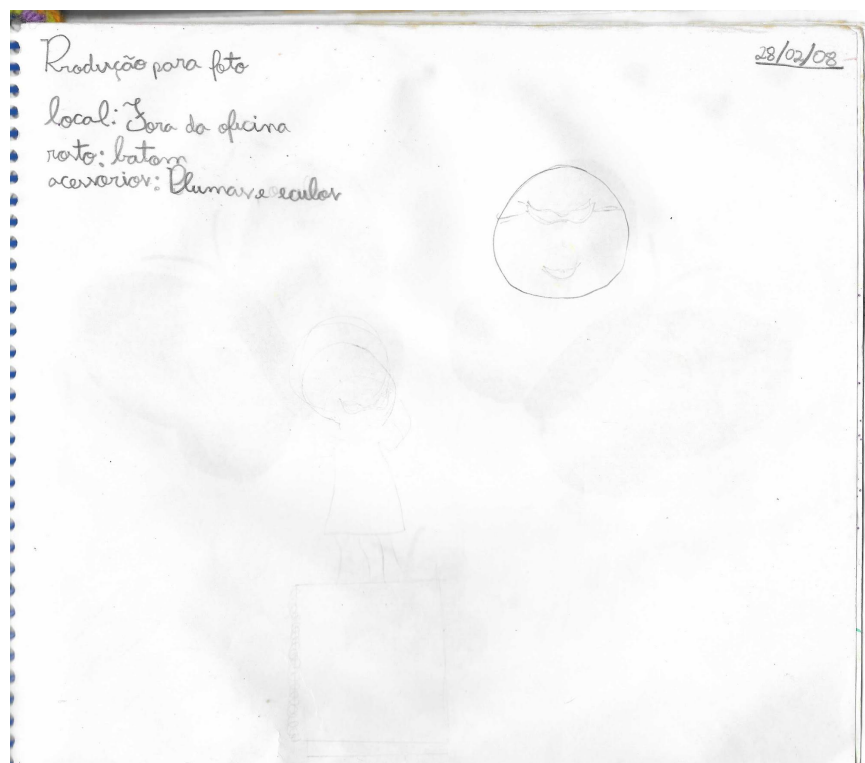


Figura 9. Fonte: (fotografia do autor)

Legenda:
 "Produção para foto:
 local: fora da oficina
 rosto: batom
 acessórios: plumas e óculos"



Figura 10. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 11. Fonte: (fotografia do autor). Carteirinha do M.A.C.A.C.A

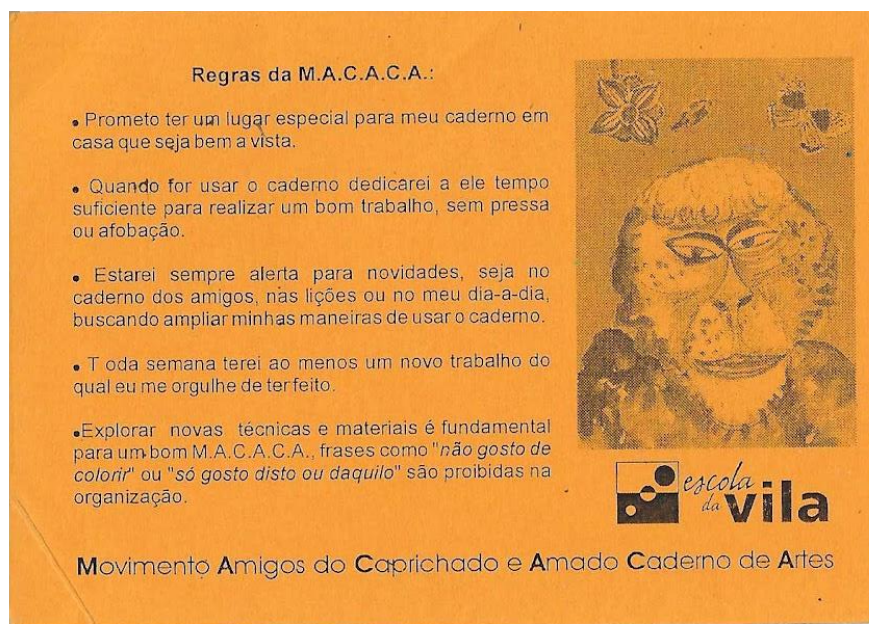


Figura 12. Fonte: (fotografia do autor)

Verso da carteirinha do M.A.C.A.C.A

Legenda:

“Regras do M.A.C.A.C.A.:

- Prometo ter um lugar especial para meu caderno em casa que seja bem a vista.
- Quando for usar o caderno dedicarei a ele tempo o suficiente para realizar um bom trabalho, sem pressa ou afobação.
- Estarei sempre alerta para novidades, seja no caderno dos amigos, nas lições ou no meu dia-a-dia, buscando ampliar minhas maneiras de usar o caderno.
- Toda semana terei ao menos um novo trabalho do qual eu me orgulhe de ter feito.
- Explorar novas técnicas e materiais é fundamental para um bom M.A.C.A.C.A., frases como 'não gosto de colorir' ou 'só gosto disto ou daquilo' são proibidas na organização

As regras e combinados do projeto M.A.C.A.C.A., descritas na Figura 12, nos mostram que tratava de um projeto cujo principal objetivo era o incentivo ao uso do caderno. Ao tornar a utilização do caderno como um jogo ou brincadeira, tentar manter um caderno caprichado passava a ser algo divertido. O caderno passa a ser um objeto de respeito e carinho, que deve ser cuidado e utilizado com frequência, passa a ser um companheiro, um lugar onde se pode explorar diversas possibilidades e materiais, como bem demonstra a última regra. Dizer que frases como “só gosto disso ou daquilo” são proibidas, não é um ato de proibição em si, não é um ato autoritário, mas sim uma maneira de incentivar que os alunos saíssem de suas zonas de conforto e explorem coisas novas, inclusive coisas que acreditam não gostar.

Desenhos coletivos

Comumente temos um entendimento sobre cadernos como algo íntimo e pessoal, que raramente é mostrado para outras pessoas. Entretanto, a experiência com esses cadernos escolares era oposta à essa, os alunos eram fortemente encorajados a entender os cadernos como algo que não só poderia, como também deveria, ser compartilhado. No início de cada aula fazíamos algo chamado “roda de caderno”, em que sentávamos ao redor das mesas no ateliê de artes, em forma de círculo, e mostrávamos para o resto da sala o que havíamos desenhado ao longo da semana. Durante as férias também éramos encorajados a desenhar, e, na volta às aulas, mostrávamos para os colegas o que havíamos desenhado durante esse período.

Essa noção de coletividade se estendia para além do compartilhamento de desenhos feitos individualmente; muitos dos desenhos eram feitos de maneira coletiva. Isso acontecia através de algumas das atividades que nos eram propostas em aula, como o jogo “Stop”, um jogo de desenhos feito por todos os alunos da classe. O primeiro passo era escolher um tema, em seguida cada um começava a desenhar algo relacionado a esse tema em seus respectivos cadernos durante um determinado tempo, que era controlado pelo(a) professor(a). Assim que acabasse o tempo, os alunos deveriam passar seus cadernos para o colega ao seu lado, e cada um recebia outro caderno, do colega que estava do seu outro lado. Assim, cada aluno deveria continuar o desenho já começado por aluno, sem saber quando era a intenção inicial do colega. Quando o tempo acabava, o aluno deveria passar o caderno para o seguinte colega e assim sucessivamente, até que o caderno de cada um chegasse ao seu respectivo dono, assim completando uma rodada. Os resultados eram dos mais variados, mas quase nunca correspondiam com a ideia inicial dos primeiros traços.

Os temas dos desenhos poderiam tanto ser propostos pelo(a) professor(a), quanto pelos próprios alunos, e eram dos mais variados: “transporte maluco”, “máquina”, “abstrato com curvas”, “animais”. Essa atividade geralmente era feita no início da aula, quase como uma forma de aquecimento. A ideia, além dessa noção da coletividade, era que fosse algo dinâmico e divertido.

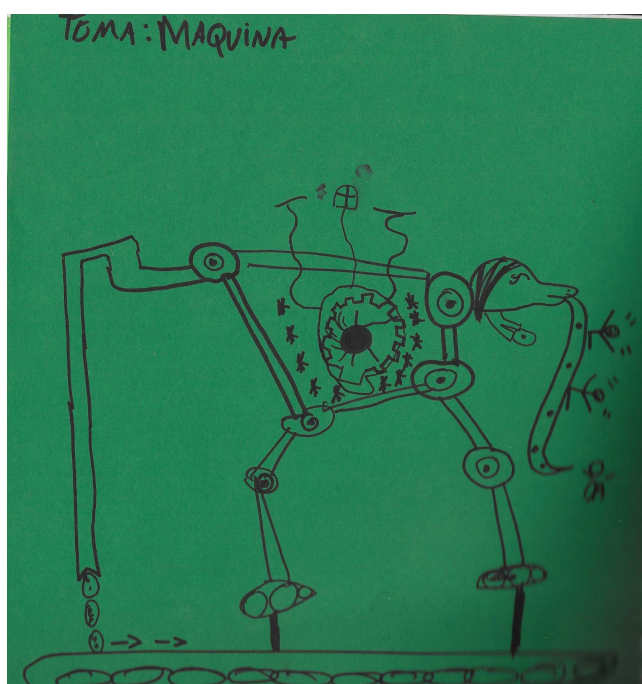


Figura 13. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Tema: Máquinas"

Figura nº 14. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Tema: Abstrato com Curvas"

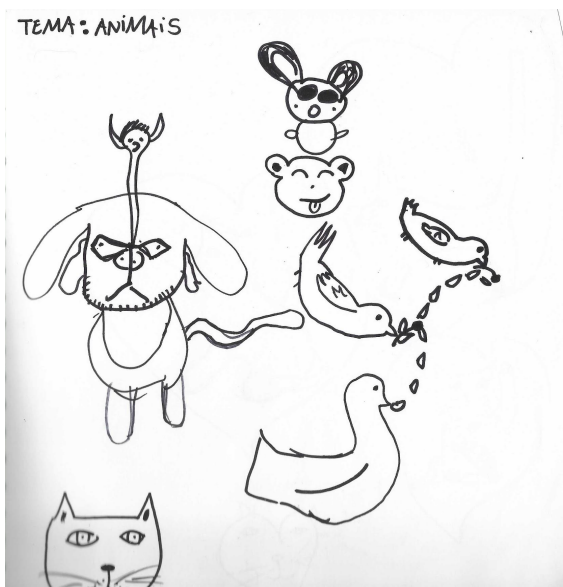


Figura 15. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Tema: Animais"

Figura 16. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Tema: Transportes Maluco"

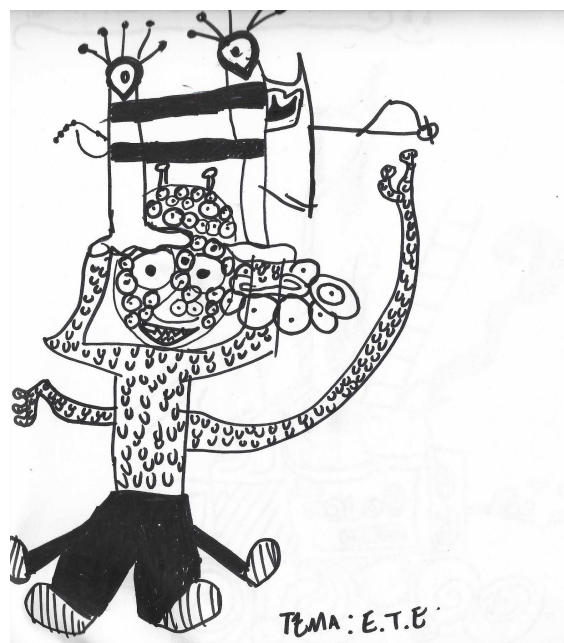


Figura 17. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Desenho em grupo. Tema: livre"

Figura 18. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Tema: E.T.E"

Propostas de atividades



Figura 19. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Ditado de desenho"

A ideia era que os cadernos fossem utilizados tanto fora quanto dentro da sala de aula, e para isso nos eram feitas propostas de atividades, algumas que deveriam serem feitas em casa e outras em aula, como o ditado de desenho, no qual o(a) professor(a) falava algumas palavras que então deveriam ser desenhadas dentro de um limite de tempo (Figura 19).

Agora analisaremos algumas das propostas de atividades/lições de casa presentes em alguns desses cadernos. Essas propostas ou lições geralmente eram ou ditadas em voz alta pelo(a) professor(a) para que o aluno escrevesse em seu caderno, ou era entregue um papel impresso com as instruções da atividade, que deveria ser colado no caderno.

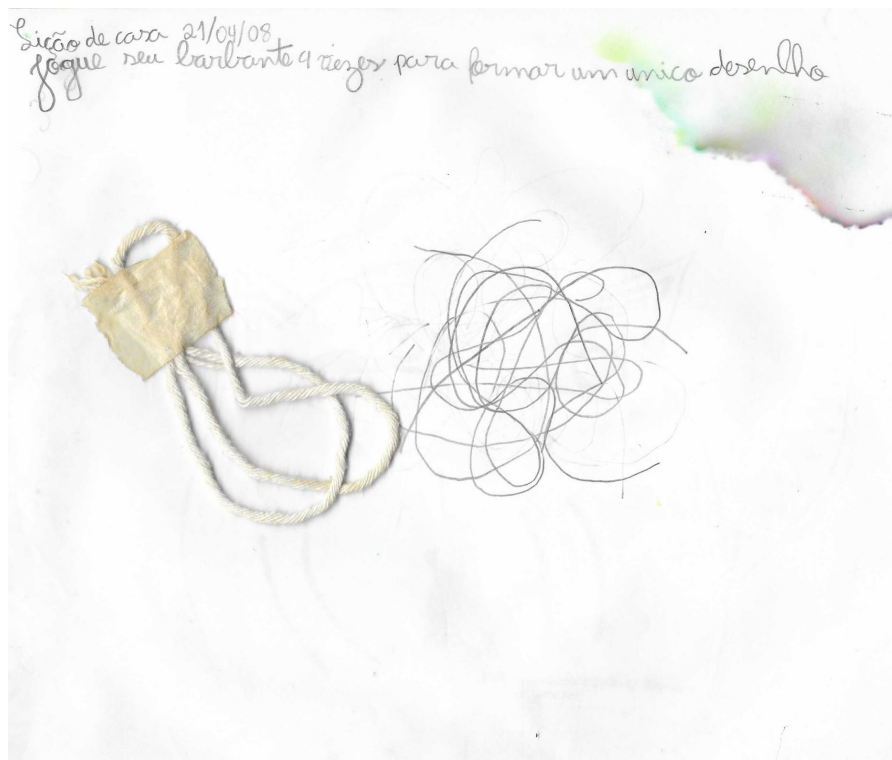


Figura 20. Fonte: (fotografia do autor)
Legenda: "Lição de casa 21/04/08
Jogue seu barbante para formar um único desenho."

A natureza sequencial dos cadernos nos permite analisar seu conteúdo a partir de uma certa ordem cronológica. Em um caderno do 4º ano uma das primeiras atividades propostas foi desenhar um fio de barbante (Figura 20). O barbante deveria ser jogado para o alto e em seguida desenhado. Nessa atividade estávamos trabalhando não só noções de acaso e de desenho de observação, como também o desenho como linha única e contínua, algo que seria retomado em atividades posteriores.

Na Figura 21, uma página retirada do mesmo caderno, é uma proposta de uma atividade em que deveríamos fazer um desenho a partir de uma única linha. Durante esse ano estávamos estudando sobre o artista Pablo Picasso, e a proposta da atividade era fazer um desenho tendo como referência um desenho do artista, que consistia em uma figura humana feita com apenas uma linha. Já havendo trabalhado essa noção de linha única na atividade anterior, a proposta certamente se

tornava mais inteligível para o aluno. A ideia era que observássemos um objeto de nossas casas ou pedíssemos para alguém posar e fizéssemos um desenho de observação utilizando esse procedimento de uma linha só. O resultado é a figura 22.

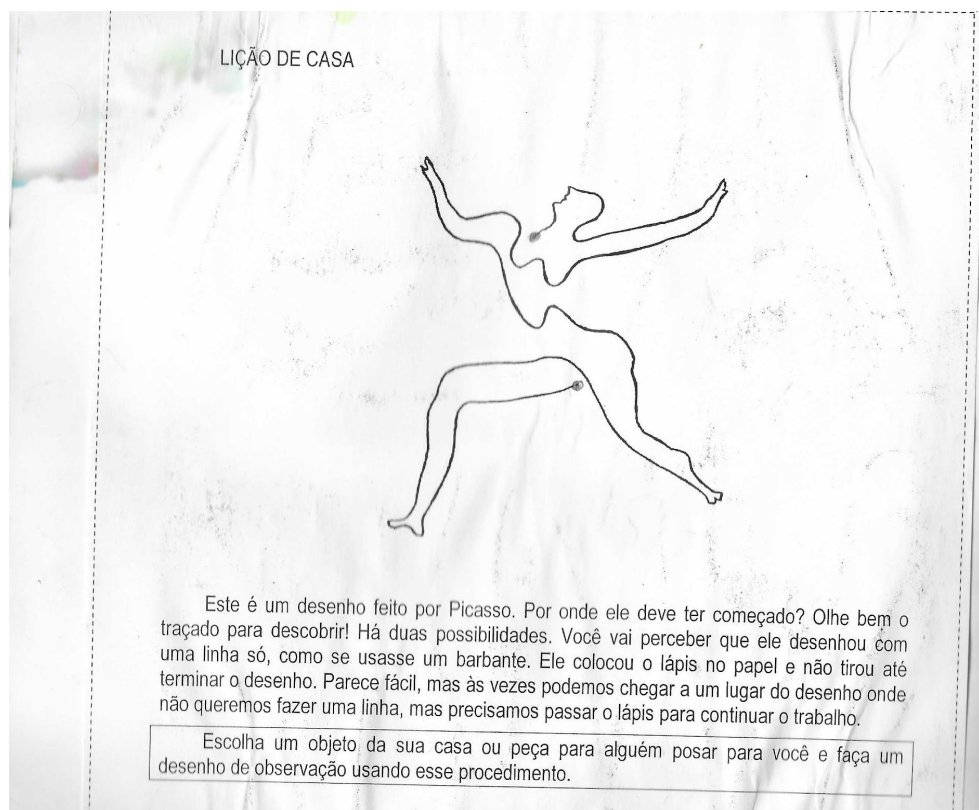


Figura 21. Fonte: (fotografia do autor)

Legenda: “Lição de casa. Este é um desenho feito por Picasso. Por onde ele deve ter começado? Olhe bem para o traçado para descobrir. Há duas possibilidades. Você vai perceber que ele desenhou com uma linha só como se usasse barbante. Ele colocou o lápis no papel e não tirou até terminar o desenho. Parece fácil, mas às vezes podemos chegar a um lugar do desenho onde não queremos fazer uma linha, mas precisamos passar o lápis para continuar o trabalho. Escolha um objeto da sua casa ou peça para alguém posar para você e faça um desenho de observação usando esse procedimento.

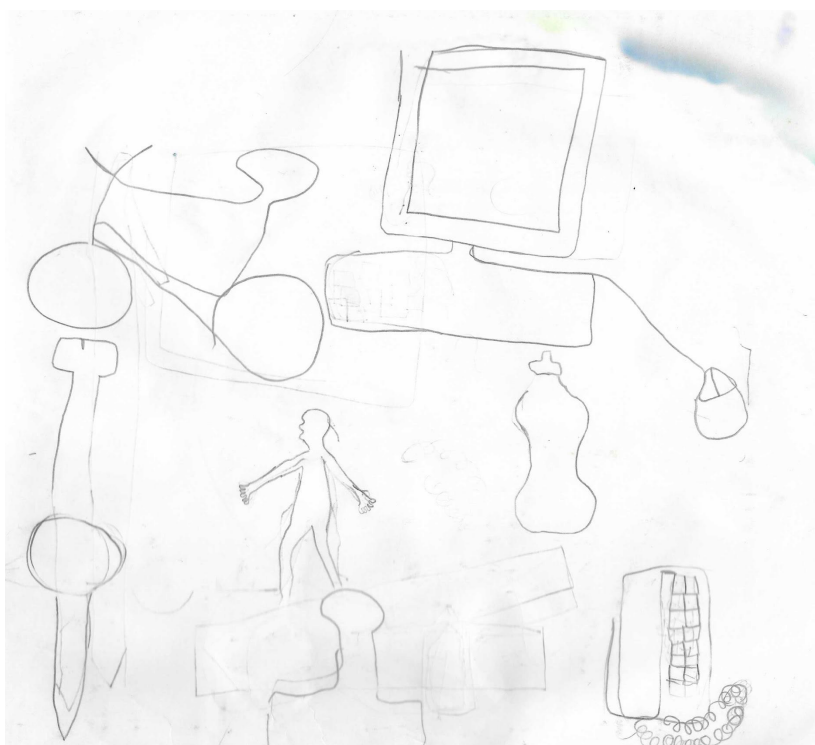


Figura 22. Fonte: (fotografia do autor)

No mesmo caderno há uma outra lição de casa (figuras 23 e 24), que consistia em sair por algum parque ou jardim e coletar elementos da natureza, como folhas, gravetos e flores, guardá-los dentro de um saquinho e levá-los para a aula seguinte. Na aula, deveríamos juntar os objetos coletados, arranjá-los na mesa de alguma maneira e fazer um desenho de observação. Nessa proposta, há uma retomada de habilidades que já estavam sendo trabalhadas em outras atividades, como o desenho de observação, também presente na atividade de desenhar com uma linha só.



Figura 23. Fonte: (fotografia do autor)

Legenda: “24/10/2007 Lição de casa. Coletores da natureza. Pegue um saquinho e passe a observar e recolher o que está a sua volta: folhas, galhos, flores, pedrinhas, sementes, pedacinhos de troncos.”



Figura 24. Fonte: (fotografia do autor)

Cultura Visual

Ao analisar esses cadernos de infância, nota-se um certo impulso por inspiração advinda de lugares como livros, desenhos animados e séries destinadas ao público infantil, isto é, elementos da Cultura Visual. Não é nada incomum, inclusive, que o desenho infantil reflita inspirações de elementos presentes no dia a dia da criança, advindos da Cultura Visual.

Segundo o pesquisador espanhol Fernando Hernández (1952-), a infância e a adolescência são “realidades sociais, discursivas e, como tais, mutáveis, produtos de cada época e de cada contexto” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 31). Isso significa que as relações de subjetividades produzidas durante a infância e a adolescência, se dão a partir da relação com outros e com o meio e contextos nos quais estão inseridos. A visualidade e a Cultura Visual são parte destes contextos e portanto contribuem, “assim, como os espelhos, para a constituição dos modos de ser” (Ibid, p. 31).

Podemos considerar que o desenho infantil se dá através de processos de interação, isto é, através de interações com outros membros da família, como pais ou irmãos, colegas de classe, ou interações com elementos da cultura, como personagens de desenhos animados. Essas interações podem levar a muitas semelhanças entre os desenhos da criança e aquilo com o que ela interage e observa. Um exemplo disso é que ao criar o hábito de desenhar ao mesmo tempo, um grupo de crianças pode acabar desenvolvendo um estilo de desenho muito similar. Em meus cadernos de infância consigo identificar isso muito claramente. Lembro-me de ter uma amiga que sempre desenhava personagens com olhos muito grandes. Após desenhar junto com ela várias vezes, eu comecei a inserir o mesmo formato e tamanho de olhos em meus próprios desenhos. A partir do hábito de desenhar com ela, desenvolvi um estilo em meus desenhos através da cópia e da interação.



Figura 25. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 26. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 27. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 28. Fonte: (fotografia do autor)

A cópia no ensino de Artes é algo que não tende a ser visto com bons olhos, ou, ao menos, não incentivado, principalmente quando diz respeito à cópia de elementos da Cultura Visual. Hernández, assim como outros pesquisadores de Cultura Visual, acredita haver uma grande distância entre aquilo que é ensinado na escola e as visualidades com as quais as crianças têm contato fora da escola. Em meus cadernos da época da escola, em nenhuma das propostas feita pelos

professores foi pedido que o aluno copiasse ou fizesse algum desenho ou referência de algum personagem que gostasse. É possível, entretanto, notar que nos desenhos que foram feitos de maneira livre, isto é, feitos por livre e espontânea vontade e que não pertenciam à nenhuma lição ou atividade proposta, o elemento da cópia é encontrado com frequência.

Isso parece acontecer principalmente em um caderno do 3º ano, cuja capa é um desenho da personagem Judy Moody, título de um livro ilustrado de literatura infanto juvenil da autora Megan McDonald. Os livros narram a história de uma garota mal-humorada chamada Judy Moody e suas aventuras. Nesse mesmo caderno, a figura de Judy Moody aparece várias vezes, em várias poses, fazendo várias atividades. Aparecem também outros personagens do livro, como seu irmão e sua gata. Neste caderno, diferentemente da maioria, a capa não foi feita em sala de aula, e portanto houve mais liberdade para a escolha do tema do desenho. Essa escolha foi por algo que, naquele momento, estava em meu imaginário, era um livro que eu estava lendo e que certamente gostava muito, a ponto de dedicar inúmeros desenhos à ele.



Figura 29. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 30. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 31. Fonte: (fotografia do autor)

Outras referências a outros personagens também aparecem no meio de todos os cadernos analisados, como Tinker Bell, Meninas Super Poderosas, Hello Kitty e Moranguinho. Todas essas são personagens de filmes ou desenhos destinados principalmente a crianças designadas meninas ao nascer. Isso mostra a grande influência da Cultura Visual na definição de papéis de gênero desde cedo.



Figura 32. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 33. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 34. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 35. Fonte: (fotografia do autor)

Personagens como a Hello Kitty aparecem mais de uma vez nos cadernos, ora como desenho feito diretamente sobre a folha, ora como um adesivo colado sobre um desenho. A prática de manter álbuns em que eram colados adesivos que depois seriam trocados com colegas era algo muito comum. Esses adesivos quase sempre eram de personagens de cultura visual, de filmes, séries ou desenhos. Fica claro então que a presença da cultura visual existe e afeta as crianças para além do desenho. Quando esses adesivos são colados no caderno, há um deslocamento, eles passam a fazer parte do desenho, não como cópia direta, mas como apropriação. Apropriação é quando um elemento já existente é usado na elaboração de uma obra.



Figura 36. Fonte: (fotografia do autor)



Figura 37. Fonte: (fotografia do autor)

Potência Pedagógica

É preciso deixar claro que a maioria das escolas brasileiras não tem uma grande ênfase ao estudo das Artes. Ter estudado em uma escola em que as Artes tinham tanto destaque, foi, sem dúvidas, um privilégio. Revisitar esses cadernos de artes da época das escolas foi uma experiência muito frutífera e uma maneira de entender que meu processo de formação enquanto artista e docente, passa, inevitavelmente, por esses cadernos. Manter cadernos foi uma prática que mantive durante toda a vida, em alguns momentos com mais empenho que outros. Traçar esse caminho ao contrário, e ver a origem disso se deu justamente nessa época, foi algo muito bonito e importante. Revisitar esses cadernos foi como uma forma de resgate dessa memória.

A potência desses cadernos reside não somente em seu momento de ativação, isto é, quando foram preenchidos por mim, anos atrás, mas também em momentos posteriores. Ao revisitá-los, anos mais tarde, entendo que tiveram um impacto gigantesco em mim, podendo inclusive terem sido uma das motivações que me levaram a escolher fazer uma graduação em Artes Visuais. Durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa da professora Rejane Coutinho, tivemos que escolher

algum tema que estivesse vinculado à nossa história pessoal, com o qual conseguíssemos criar uma conexão com nossa escolha de ter decidido cursar Artes Visuais. Lembro-me de não ter tido muitas dificuldades em escolher o tema, automaticamente lembrei que tinha todos esses cadernos guardados, e a conexão se fez de maneira imediata. Ter acesso a esses cadernos é uma maneira de pôr em memória todo o meu percurso e formação enquanto artista. Poder escrever sobre eles me faz perceber que a memória nunca é passado, mas sim ativação do presente.

PARTE 2B: Cadernos: Registros e Processo Criativo

O registro como potência

A Crítica Genética é um campo de estudo que surge nos anos 60 a partir da análise de rascunhos de escritores, principalmente dentro da literatura. Com o passar dos anos, se expandiu para outros campos, incluindo as Artes Visuais. Ao explorar e estudar esses rascunhos, presentes em anotações encontradas em cadernos e diários de artistas, escritores e outras pessoas cujo trabalho passa pela noção de processo criativo, nota-se a importância da multidisciplinaridade e do diálogo entre linguagens, frequentemente presentes nesses rascunhos. A Crítica Genética é, então, o acompanhamento da obra de arte a partir de seu processo de criação e transformação.

Estudar rascunhos pressupõe um entendimento da obra de forma expandida, isto é, entender que a obra não se trata apenas daquilo que é apresentado ao público como obra final. A obra que é exposta em galerias e museus, ou a versão final de um livro, são apenas uma das etapas de um longo processo criativo, uma etapa em que o artista considera a obra boa o suficiente para ser apresentada ao público, mas que na verdade faz parte de um processo inacabado. “Não se trata da desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa como final e única forma possível.” (SALLES, 2006, p.41). A obra não é algo isolado e autônomo, mas sim parte de um processo, parte de uma rede de criação, a obra é um diálogo constante. Para o crítico genético, o processo criativo e as etapas pelas quais um projeto ou obra passou antes de ser considerado finalizado, são tão importantes, ou até mais, do que a obra considerada finalizada.

Assim, entendemos a criação enquanto processo e obra enquanto um sistema aberto em construção. Partir da noção de que devemos olhar para além daquilo que é entendido como obra final, significa olhar para o território íntimo e pessoal do artista, para os diálogos estabelecidos pelo artista consigo mesmo e com a relação com o mundo. Isso pode ser feito olhando para os registros, que podem ser desde cadernos até amontoados de papéis guardados em pastas ou gavetas ou colados na parede (FERNANDES, 2009, p. 121).

O registro como obra

Em 2021, a LONA Galeria realizou uma exposição intitulada 'Cadernos de Artista', com curadoria de Eder Ribeiro. Foram convidados 23 artistas para participar e para cada um foi entregue um caderno em branco. Todos eram idênticos; de mesmo formato, dimensões e tipo de folhas, e com encadernação em espiral. Foi pedido que cada um dos artistas preenchesse seu caderno durante os três meses antecedentes à exposição. No caso desta exposição, os cadernos estavam sendo entendidos como obras em si, obras autônomas, apesar de estarem conectadas com o resto da produção de cada artista.

Dentre os 23 participantes da exposição, cada artista preencheu seu caderno de uma maneira única. Entretanto, pode-se dizer que todos os cadernos, de alguma maneira, se conectam com o trabalho já desenvolvido por cada um deles em outras linguagens, dentro de suas pesquisas poéticas. Em quase todos os casos houve uma mescla de linguagens e materiais; pintura, colagem e desenho. O artista Gustavo Aragoni, em seu caderno, recuperou uma das funções essenciais do caderno, o suporte como registro do processo, reunindo anotações, desenhos e imagens fotográficas (Figura 1). Já o artista Higo Joseph utilizou seu caderno como uma extensão de seu trabalho em escultura, fazendo recortes nas páginas e trabalhando conceitos de vazios e cheios, maleabilidade e não maleabilidade, conceitos que também desenvolve em seu trabalho escultórico (Figuras 2 e 3).



Figura 1. Caderno de Gustavo Aragoni.



Figura 2. Caderno de Higo Joseph



Figura 3. Higo Joseph. Sem título, 2021.
Série: Empilhamentos
Barbante, espuma, alumínio e fita crepe
40 x 20 x 21 cm

No caderno de Higo Joseph, fica, portanto, evidente a relação entre aquilo que está no caderno, e outras obras do artista, realizadas em outras linguagens artísticas. Isso possibilita que por um lado possamos entender seu caderno como uma espécie de ensaio para futuras obras escultóricas, isto é, o caderno como um objeto contenedor de um pensamento visual, que futuramente será transfigurado e transmutado em uma outra linguagem. E, por outro lado, podemos entender o caderno, por si mesmo, como algo repleto de riqueza poética e estética, e que pode ser visto e entendido enquanto obra. Contudo, mesmo ao tomarmos a posição de entender o caderno como obra, isso não significa que ele deixe de ser registro. Assim, é possível entender **o próprio registro como obra de arte**.

Para além do caderno: voz, corpo, vestígio; o registro como ação

Dentro das diversas nomenclaturas e subcategorias de cadernos, o diário é aquele que normalmente é associado com tudo aquilo que é tido como íntimo, pessoal e até mesmo privado. Isso porque geralmente tratam de assuntos que têm a ver com a vida pessoal do artista (ou de quem seja o dono do tal diário), de sua autobiografia. Mesmo assim, há artistas que levam as questões da vida pessoal e da autobiografia para todos os âmbitos de sua produção artística, além dos suportes considerados privados, como os diários. Além disso, seguindo a lógica da Crítica Genética, olhar para o território íntimo e pessoal do artista e para seus diálogos internos, é algo extremamente rico e frutífero.

O artista recifense José Leonilson (1957-1993) é um ótimo exemplo de um artista que tem como um dos eixos centrais de sua obra, sua vida pessoal, seus sentimentos, e o registro. “Leonilson tinha verdadeira fixação em deixar marcas e registros como prática artística” (CASSUNDÉ; RESENDE, 2012, p. 13). As obras de Leonilson são marcadas por um profundo grau emocional e sentimental, são obras que remetem à sua vida íntima, obras de caráter confessional. O artista tem uma maneira de falar de si, de tal modo que acaba falando sobre muito mais do que apenas de si mesmo. Ele consegue transformar seus sentimentos íntimos e pessoais em sentimentos universais. O público, ao ver suas obras, por mais que não

saiba nada sobre sua história de vida, consegue se identificar com as emoções ali evocadas.

Leonilson tinha o hábito de fazer anotações em cadernos, nas quais o desenho e a escrita -entendida também como elemento gráfico- tinham a mesma importância. Tendo a vida como fio condutor de sua obra, esta se torna uma grande catalogação de sua vida. Além das anotações, o artista guardava e colecionava diversos papéis e objetos relacionados ao cotidiano, como bilhetes de avião e trem, entradas de cinemas, listas, fotos, endereços, contas e telefones. Esses objetos guardados não necessariamente fariam parte de uma obra futura, mas deve-se entender esse hábito de coletá-los como parte essencial de seu processo criativo.

“A obra como um lugar confessional para Leonilson é repleta de índices taxonômicos: listas, números, coleções, símbolos, repetições. Seu legado se constitui como um grande arquivo, impregnado de memória viva, classificações, vida e transposições. Esses arquivos de referências pessoais são compostos de materiais recolhidos do cotidiano”(CASSUNDÉ; RESENDE, 2012, p.19)

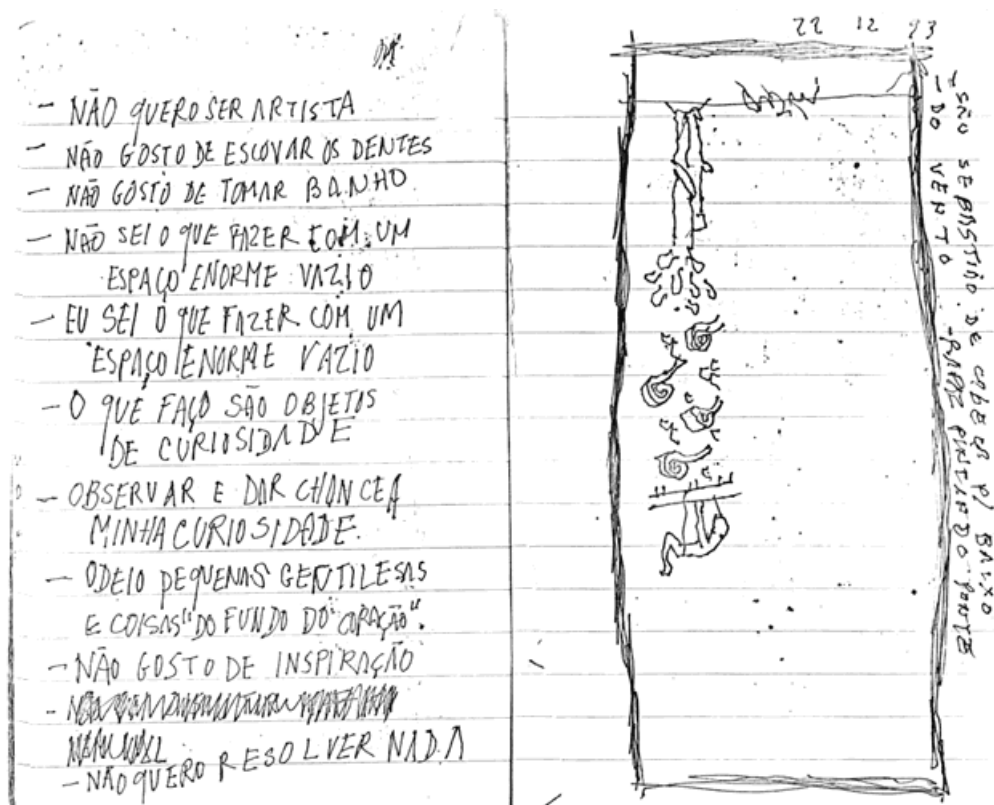


Figura 4. Caderno de José Leonilson.

Essa tentativa de Leonilson de criar uma espécie de taxonomia da vida cotidiana, isto é, uma maneira de classificação, se dá então não apenas em seus registros em cadernos e agendas, mas também na sua coleção de objetos do cotidiano. Além disso, em 1991, dois anos antes de sua morte, Leonilson iniciou a prática de fazer gravações de voz relatando acontecimentos de seus dias, sonhos, memórias e ficções pessoais, totalizando quatro mil horas de gravação. As gravações de voz foram utilizadas em um filme realizado pelo Itaú Cultural e dirigido por Carlos Nader, intitulado “A paixão de JL”, disponível no YouTube. O filme é uma espécie de colagem, com imagens de obras de Leonilson, sobrepostas com áudios dessas gravações. As gravações narram acontecimentos políticos da época, paixões, amores, sexualidade, desejo, medo, e o descobrimento do artista de que tinha o vírus da AIDS, doença que o matou em 1993.

Trata-se de uma espécie de diário, não escrito, mas sim audiovisual. Notamos aqui, um desejo de registrar a vida. Há, em toda sua obra, uma tentativa de guardar, reter, colecionar e recordar vários aspectos da vida. As associações feitas por Nader entre os áudios e as obras de Leonilson nos mostram que, apesar de que as gravações não tenham sido pensadas especificamente enquanto obras de arte, elas servem como material para sua produção artística. O registro, nesse caso, serve como uma espécie de arquivo, que poderia ser resgatado a qualquer momento e, possivelmente, ser utilizado como base para a criação de uma obra. Além disso, esse registro, isto é, as gravações, foram utilizadas por uma segunda pessoa, o artista Carlos Nader, diretor do filme, para criar uma outra obra, o filme.

No minuto 14’ do filme, ouvimos Leonilson falando “Eu queria tanto ser um bom filho, eu queria tanto não dar desgosto pra eles, mas eu queria tanto também ser feliz, eu queria tanto ter alguém comigo, e namorar.” Enquanto aparecem algumas imagens de obras que remetem aquilo que está sendo dito, como uma obra em que estão escritas as palavras “pai, mãe, lei, ordem, moral, eu, ele, sensações, sentimentos, desejos, atenção, ternura”.

Sendo sua vida aquilo que conduz sua obra, gravações, desenhos, pinturas e anotações estão intrinsecamente ligadas. Numa tentativa de reter, guardar e pôr em memória a própria vida, o registro é também um fio condutor da obra de Leonilson.

Além de Leonilson, há muitos artistas que trabalham e desafiam o conceito de registro, principalmente artistas que fazem performances e happenings. Essas duas linguagens, por tratarem-se, majoritariamente, de obras de caráter efêmero, fazem com que, em muitos casos, seja difícil distinguir o que é a obra em si e o que é o registro. Alguns dos trabalhos da artista cubana Ana Mendieta (1948-1985), como a série intitulada “Silhuetas”, trazem à tona algumas dessas questões. A série consiste em trabalhos em que a artista utiliza seu próprio corpo como território de experimentação, trabalhando conceitos como presença e ausência, o visível e o invisível, pertencimento e não pertencimento, vida e morte. Através de diversos materiais, como flores, galhos de árvores, fogo e neve, Mendieta traça e contorna, com esses materiais, seu próprio corpo, em espaços localizados no meio da natureza, a fim de criar uma silhueta de si mesma.

Esses trabalhos estabelecem uma clara conexão com sua vida pessoal. Mendieta, quando criança, foi levada de seu país de origem, Cuba, aos Estados Unidos, pelo programa Peter Pan, programa desenvolvido com o intuito de transportar crianças da Cuba comunista para os Estados Unidos. Longe de sua pátria, Ana foi forçada a viver com uma família que não era a sua, assim como viver hábitos e costumes que não eram os seus. Isso gerou nela um sentimento de não pertencimento, sua identidade converteu-se em uma identidade fronteiriça (ANZALDÚA, 2012). Esses sentimentos a acompanharam durante toda sua vida e se manifestam em muitos de seus trabalhos, como na série Silhuetas.

No caso dessa série de obras, o conceito de registro está presente de um ponto de vista de registro do corpo, registro físico, registro que deixa uma marca. Entretanto, essa marca, esse registro, é efêmero, e sumirá com o tempo, e justamente por isso, há, nessa obra, um segundo conceito de registro, o registro fotográfico. Por terem sido realizadas em lugares remotos e distantes, poucas pessoas puderam presenciar o acontecimento dessas obras. Portanto, elas só puderam chegar ao conhecimento do público através de registros audiovisuais. Isso não só nos traz a dúvida sobre o que é obra e o que é registro, como também torna possível que entendamos **o próprio registro como uma maneira de manter a memória viva.**



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8

Questões similares são levantadas pelo trabalho “*A line by Walking*”, 1967, do artista britânico Richard Long (1945-). Para a realização deste trabalho, o artista caminhou em linha reta, múltiplas vezes sobre um mesmo espaço, sobre um chão de grama, até que uma linha se formasse pelo próprio ato de andar. Aqui, o conceito de registro também tem mais de um sentido. Primeiramente, a obra não é apenas o registro da ação, mas também o registro *é* a ação em si. Caminhar é, portanto, um ato de registro. Nesta obra, o registro é a forma e o conteúdo da obra. Em segundo lugar, por tratar-se de uma performance, a obra tem caráter efêmero, isto é, sua duração se restringe ao seu tempo de feitura. Deste modo, as únicas pessoas que puderam ver a obra foram o artista em si e alguma outra pessoa que estivesse

presente no momento e no espaço em que ela foi feita. O público só pode então ter acesso à ela através do registro fotográfico.



Figura 9. Richard Long, A line made by walking, 1967.

No trabalho desses três artistas, fica claro que o registro é entendido como ação, assim como discutido na parte 1 deste trabalho. No caso de Leonilson, o registro é a ação de gravar a própria voz. O trabalho de Mendieta também é ação, a ação de deitar seu corpo sobre diversas superfícies e fotografar-se fazendo isso. Long, por sua vez, o que faz é caminhar, o que é, em todos os sentidos, uma ação.

Cadernos de Artista: Reconfigurados e Reorganizados

Em 2018 foi quando me dei conta de que tinha acumulado uma quantidade imensurável de cadernos do mais diversos tipos; cadernos da época de escola, de Matemática, Português, História, Geografia, cadernos de Artes, e outros mais recentes, como diários, cadernos de anotações e cadernos de desenho. Nunca fiz uma distinção muito delimitada sobre o que era o quê, tudo sempre acabava se misturando, mesmo nos cadernos de Matemática, por exemplo, haviam desenhos nas bordas, feitos enquanto me distraía nas aulas. Me lembro inclusive, de levar broncas do professor de Matemática por estar desenhando durante a aula. Nos cadernos de desenho, sempre haviam anotações e coisas escritas, nos cadernos de anotações, sempre haviam desenhos. Todas as linguagens pareciam se misturar. A escrita e o desenho eram (e ainda são), para mim, indissociáveis. Entendo as letras também como um elemento gráfico e estético. Quanto mais eu ia preenchendo cadernos, mais claro isso se tornava. Hoje, quando revisito meus cadernos, essa indissociabilidade entre desenho e escrita continua sendo muito clara. Além do mais, relendo algumas das anotações feitas em meus cadernos, torna-se claro que minhas referências artísticas eram também pessoas que sempre misturavam a escrita com o desenho, como José Leonilson e Mira Schendel.

Durante certo período de minha vida, eu demorava cerca de apenas duas semanas para preencher um caderno inteiro, e, com isso, veio uma abundância gigantesca de material, de tal modo que eu não sabia mais como guardar e armazenar esses cadernos. O que resolvi fazer então foi reaproveitar esses cadernos e fazer um trabalho com eles. Foi então que fiz um trabalho para a disciplina de Mídia IV, em 2018, que consistia em selecionar algumas páginas de alguns cadernos, arrancá-las e reorganizá-las, de maneira a construir novos cadernos. Foi necessário um certo desapego para conseguir arrancar as folhas dos cadernos, um objeto que tenho para mim como algo tão sagrado. Porém, vi aquilo como uma oportunidade de revivê-los, se eu os deixasse como estavam, provavelmente acabariam dentro de uma caixa, que seria revisitada com pouca frequência. Mas, ao transformá-los em algo novo, o que eu estava fazendo era dar-lhes uma nova vida e existência.

A maneira escolhida para criar esses cadernos foi pensada a fim de que eles tivessem uma certa organização estética, mas que mantivessem a presença de um elemento caótico, trazido pela junção dessas páginas, que a princípio não haviam sido pensadas para conviverem juntas e habitarem o mesmo espaço dessa maneira e nessa sequência. Em quase todos os novos cadernos, a escolha feita foi prendê-los com durex e fita isolante, de tal forma que a fita passasse a ser parte do caderno, como um elemento estético. Algumas folhas foram utilizadas da maneira que estavam no caderno antigo e outras foram recortadas e utilizadas de outra maneira, como colagem.

Foi feita uma seleção de 3 desses cadernos. No caderno nº 1, a capa (figura 10) foi feita com colagem de papéis de diferentes cores e um recorte de revista. As seguintes páginas desse caderno (figuras 11, 12, 13, 14 e 15) foram todas retiradas de um mesmo caderno. Há, nessa seleção, uma tentativa de criar uma conexão entre as páginas. Essa conexão é evocada na contracapa (figura 16), em que está escrita a frase “Não olha pra mim”. Essa noção do olhar aparece também em outras páginas, assim como na capa. Cria-se, assim, uma espécie de narrativa.

Já no caderno nº 2, a capa (figura 16), foi feita a partir de uma colagem de uma folha rasgada, papel vegetal e uma fotografia de uma arranha céu, que foi encontrada solta dentro de um outro caderno. No interior do caderno, também é trabalhada a noção de colagem, tanto a partir da escolha de folha de cadernos prévios nas quais já havia uma colagem, quanto em colagens feitas especificamente para esse novo caderno, como nas figuras 17 e 18. Também há uma brincadeira com transparências e o que pode e o que não pode ser visto, isso é feito através do uso do papel vegetal, que também foi usado na capa.

No caderno nº 3, assim como no caderno nº 1, foram utilizadas páginas de um único caderno. A capa (figura 21) foi feita a partir de um desenho recortado de um outro caderno. Nessa capa, fica mais evidente o uso da fita isolante não só como elemento estrutural, mas também como elemento estético, que compõe a capa.

Caderno nº 1



Figura 10

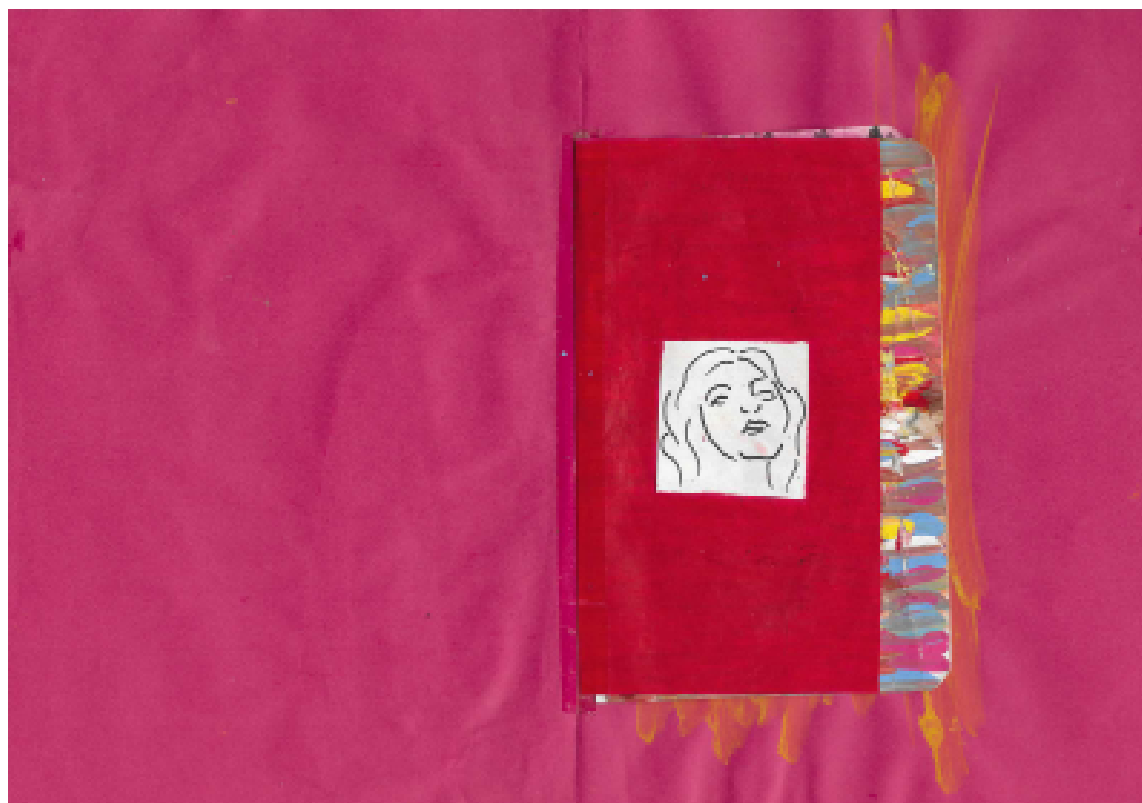


Figura 11

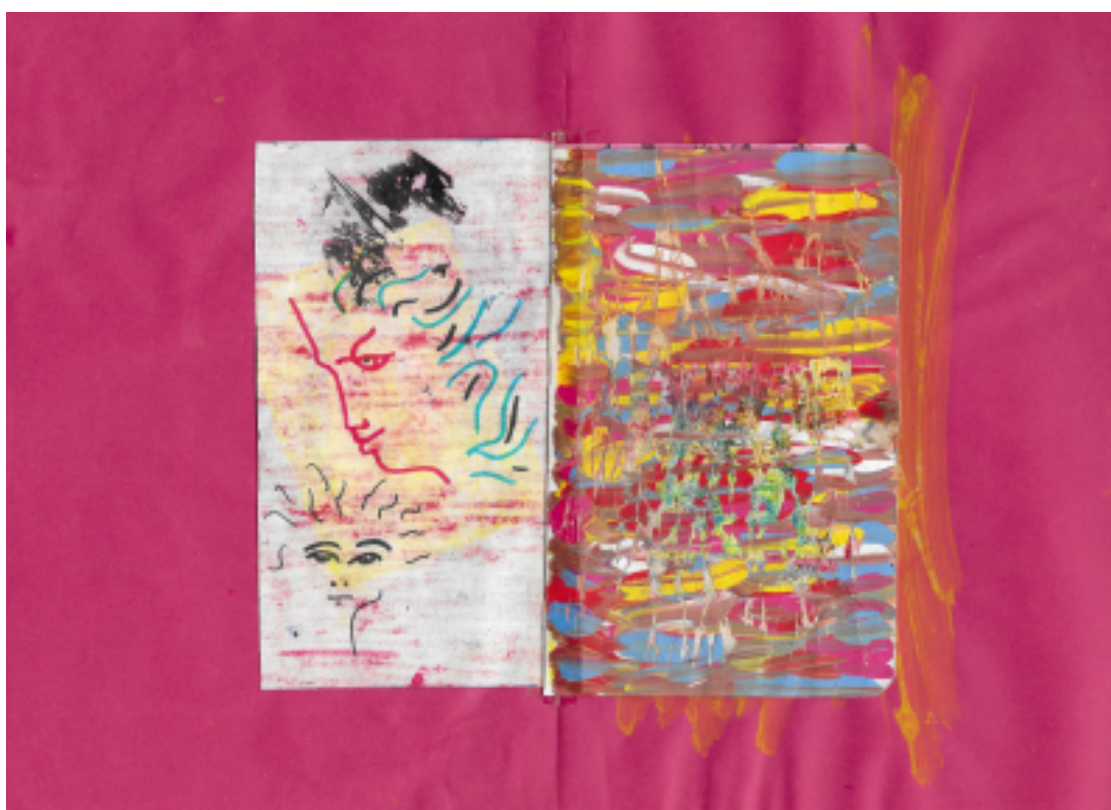


Figura 12



Figura 13



Figura 14

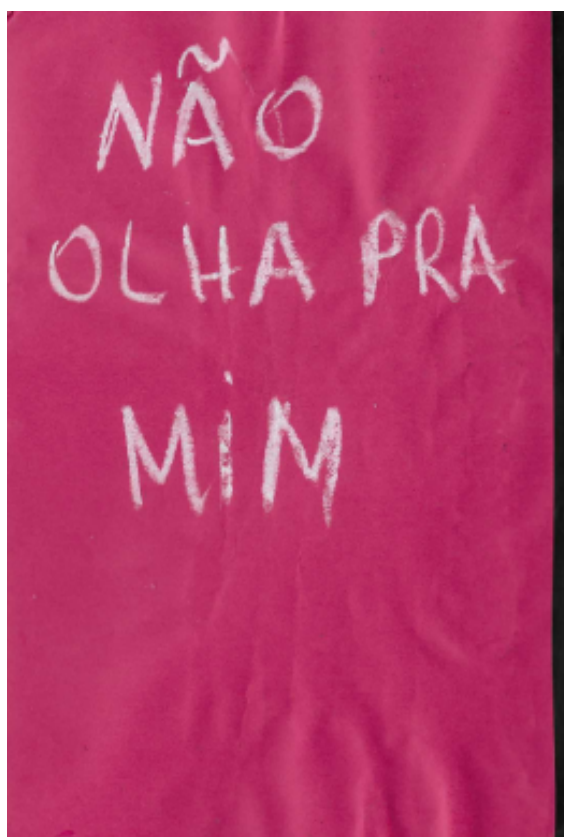


Figura 15

Caderno n° 2



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19

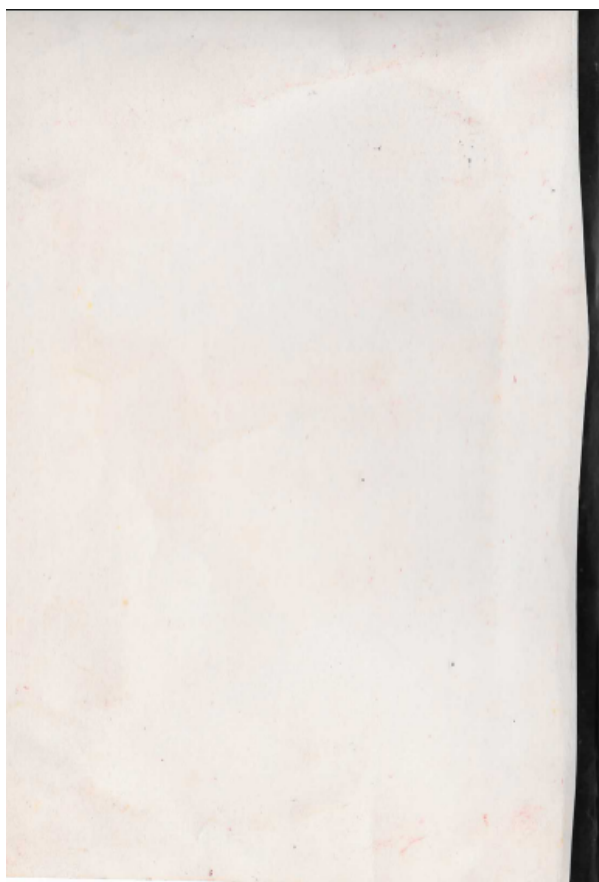


Figura 20

Caderno nº 3

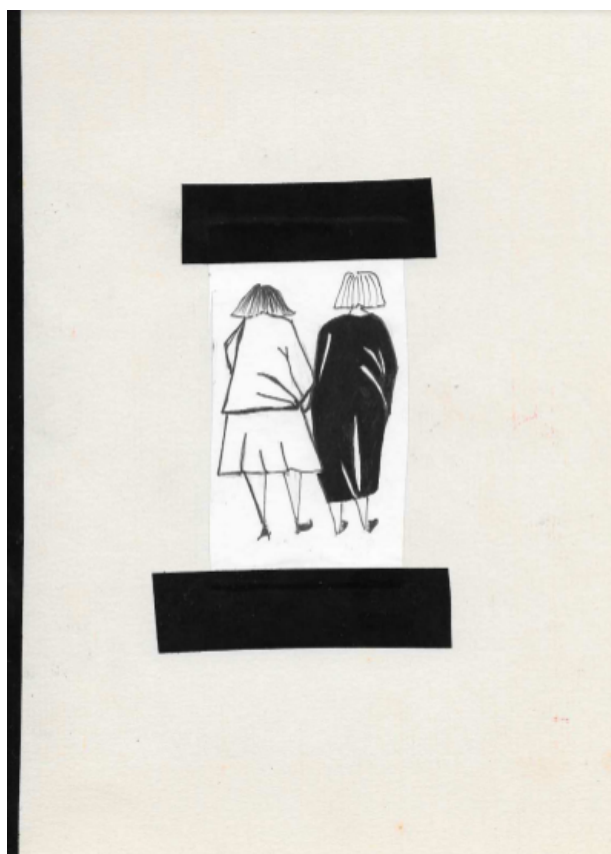


Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24

Parte 3: Um novo velho caderno

A partir dos cadernos realizados em 2018 e a partir desta pesquisa de TCC, foi pensado um outro caderno, que será chamado de caderno nº 4. Ele consiste em 28 páginas, que pertenciam a outros cadernos, que foram preenchidos ao longo de todo o período da minha graduação na Unesp (desde 2017 até 2022). Isso incluiu uma pesquisa por todos esses cadernos para que pudessem ser escolhidas páginas que fossem consideradas interessantes, relevantes e condizentes com algumas pontuações e conceitos que foram desenvolvidos neste trabalho. Há desde anotações rápidas, escritas com uma letra desleixada, objetos encontrados e coletados, até projetos para futuras obras. Foi também gravado um vídeo no qual as páginas do caderno são folheadas, para que se possa ter uma noção maior sobre sua materialidade. O vídeo encontra-se disponível no YouTube, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=AlRkYe8G3i8>

A capa e contracapa (figuras 1 e 16) foram feitas com um trabalho de 2018 em cianotipia, técnica de impressão que consiste na reação química entre a luz dos sol e compostos químicos (citrato férrico de amônio e ferrocianeto de potássio), resultando em uma imagem azulada.

Nas duas primeiras páginas, referentes à figura número 2, temos alguns objetos encontrados. Há um post-it no qual está escrito “parabéns você achou este bilhete”. Esse post-it, que em algum momento foi encontrado, foi propositalmente colado em um caderno para que pudesse ser novamente encontrado no futuro. Há também alguns pedaços de folhas rasgadas, nas quais está escrito “o que tinha aqui?”, esses pedaços estavam em um caderno que teve algumas de suas folhas rasgadas, o que sobrou foram esses pedaços, que ficaram presos ao resto das folhas do caderno ao qual pertencia. Provavelmente, em algum momento, enquanto folheava esse caderno, me deparei com essas folhas rasgadas e me indaguei sobre o que haveria ali e resolvi então escrever essas palavras. É certo que nunca saberei o que havia ali, mas o fato de eu ter escrito essas palavras me fez indagar sobre novamente a ponto de decidir inseri-las no caderno nº 4. Na página 2, também há um objeto encontrado, uma foto polaroid com as seguintes palavras escritas embaixo: “foto de uma desconhecida que eu achei na rua”. Alguma coisa nesse

encontro com essa foto desconhecida me fez querer guardá-la dentro do caderno que estava em uso na época.

Essa vontade de coletar objetos e guardá-los dentro dos cadernos aparece novamente na página 22 (figura 13). Há um saquinho de papel com estampa de oncinha no qual há várias embalagens de chá. O caderno a qual essa página pertencia, além de ter a função usual de caderno, tinha então também a função de guardar essas embalagens de chá.

Também na figura 12, na página 21, há uma folha que foi retirada de um caderno que estava em uso durante o processo de elaboração deste TCC. Nele, foram feitas diversas anotações, de ideias, textos que eu estava lendo, listas de tarefas com os próximos passos, e também essa lista de palavras. Essas palavras foram pensadas enquanto o TCC era escrito e são palavras que se relacionam com o tema da pesquisa. Mais tarde, foi feita uma seleção das palavras escritas no caderno, e elas se converteram no que foi chamado de 'Coleção de Palavras', que está na página 7 deste trabalho. Nessa Coleção de Palavras, que é uma espécie de glossário, o que fiz foi pensar em uma definição poética - isto é, uma definição que não fosse de dicionário - para cada uma dessas palavras, que de alguma maneira me atravessaram enquanto escrevia este trabalho.

A página 12 (figura 7), é uma página de um caderno de 2018, na qual está escrito nove vezes a frase "paixão é pior ônibus lotado". Essa frase é uma referência a um título de um desenho de José Leonilson, que está no livro "Use, é lindo, eu garanto", da editora Cosac Naify. Essa frase me atravessou de tal maneira que, apesar de não me lembrar de a ter escrito nesse caderno, em 2018, me lembrei dela quando fui definir a palavra 'paixão' para a Coleção de Palavras.

Na figura 11 também há uma página que foi também retirada do caderno usado durante o processo de escrita do TCC, trata-se do verso da página em que há a lista de palavras. Nela está escrita a frase "Começar um (outro) caderno!". Lembro-me de que quando escrevi isso havia uma certa frustração por eu não estar, naquele momento, mantendo nenhum outro caderno, além daquele no qual isso foi escrito. Me parecia que, por eu estar fazendo um TCC sobre cadernos, eu deveria manter o máximo de cadernos possíveis. No fim, um outro caderno foi começado,

mas é esse, o de anotações, onde está todo o registro do processo de feitura deste Trabalho de Conclusão.

A página 19 (figura 11) faz menção à Cecília Salles, que foi usada como base teórica para este trabalho. Quando eu li seu trabalho pela primeira vez, em 2018, aquilo me marcou, e fiz essa anotação. Na página 17 (figura 10) estão escritas as seguintes palavras: "A espera do artista pelo tempo da obra. A espera da obra pelo tempo do artista". Isso também faz referência ao pensamento de Salles, seu nome está, inclusive, escrito na parte inferior dessa página". Esse tema do processo criativo, parece ser algo que me atravessou durante toda a graduação, de tal modo que é um tema central deste TCC.

No caderno nº 4 há também três auto retratos, nas páginas 6 (figura 4), 10 (figura 6) e 14 (figura 8). Praticamente em todos os cadernos analisados para fazer a seleção de páginas do caderno nº 4, havia um auto retrato. Isso significa que essa é uma prática que venho mantendo há anos e seu registro está espalhado por esses cadernos. No auto retrato da página 6 estão escritas as palavras "selfie no espelho do hotel em Minas e quem sabe uma futura pintura". Isso indica o uso do caderno como registro para futuras obras.

Esse uso do caderno também aparece na página 26 (figura 14). Trata-se de um trabalho intitulado "O saco dos pensamentos", que consiste em um saquinho de plástico, colado com durex e um pedaço de papel dentro do saco, no qual está escrito a palavra "nada". Inicialmente, esse trabalho foi feito no caderno, com o intuito de permanecer ali, mas logo eu decidi tirá-lo do caderno, isto é, transpô-lo para outro suporte. Para isso, o saquinho plástico original, que estava colado no caderno, foi desgrudado e transferido para essa outra versão do trabalho. Por essa razão, nessa página está escrito "O saco foi usado para outra obra de arte".

Além dos auto retratos, uma outra prática recorrente em todos os meus cadernos são os desenhos de observação (páginas 7, 8, 9, 16, 18 e 24). São desenhos rápidos, de pessoas e de objetos. Na página 24 (figura 13), há um desenho de uma xícara de chá e um tubo de cola. Além disso, há várias algumas coisas escritas, como "Pera aí que vou tomar banho", "Manda um áudio explicando", "Hmmm, tá" e "Lembra daquele dia que a gente comeu muita bolacha na sua casa?". São frases aleatórias, provavelmente feitas enquanto eu escutava áudios de alguém

no Whatsapp. Isso indica uma certa banalidade no caderno, um objeto que pode tanto conter futuras obras de arte, como também frases como essas.

Produzir o caderno nº 4 significou fazer uma viagem no tempo, revisitando todos os meus cadernos de um período de 6 anos. Ao fazer isso, pude perceber algumas similaridades entre eles, como o auto retrato e os desenhos de observação. Além disso, ao analisar esses cadernos, ficou claro as diversas funções que um caderno pode ter; pode ser um recipiente de pensamentos e anotações rápidas, pode ser um planejamento para futuras obras, ou um lugar onde são guardados objetos encontrados. As páginas que fazem parte do caderno nº 4 foram selecionadas com o intuito de abarcar cada uma dessas funções.

O resultado final não deixa de ser um objeto estético, podendo, inclusive, ser considerado uma obra de arte. Mesmo assim, ainda é registro, o registro de um processo, o registro de uma formação artística ao longo de seis anos de estudos de graduação.

Caderno nº 4

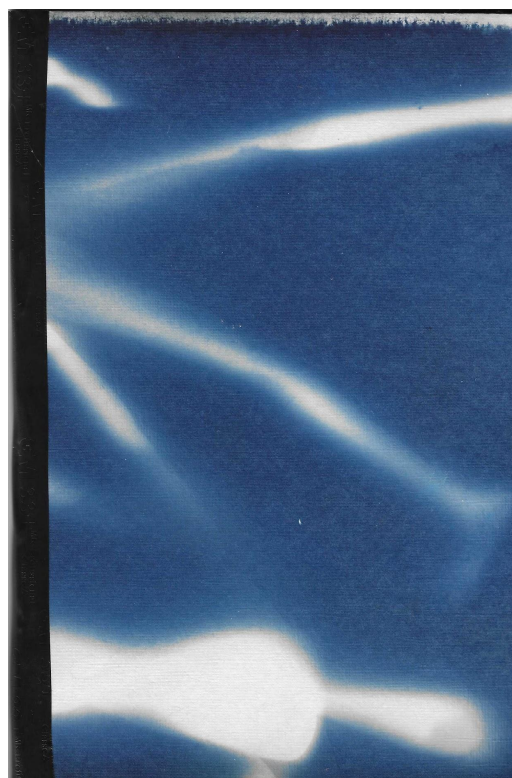


Figura 1 (Capa)



Figura 2 (Páginas 1 e 2)

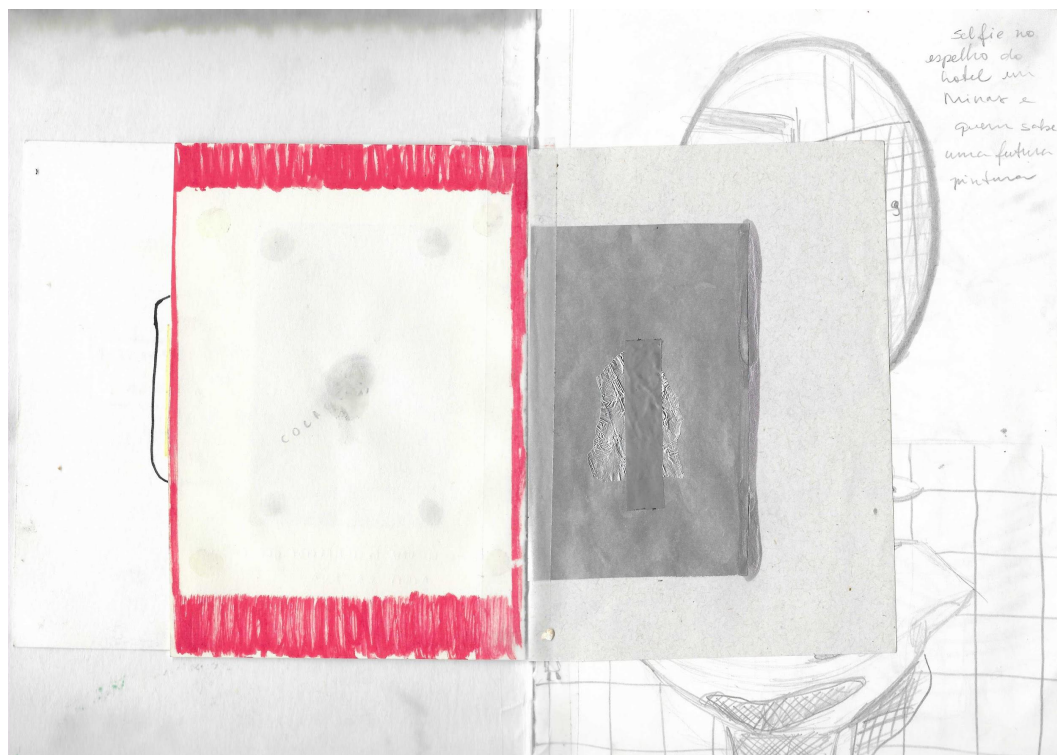


Figura 3 (Páginas 3 e 4)



Figura 4 (Páginas 5 e 6)

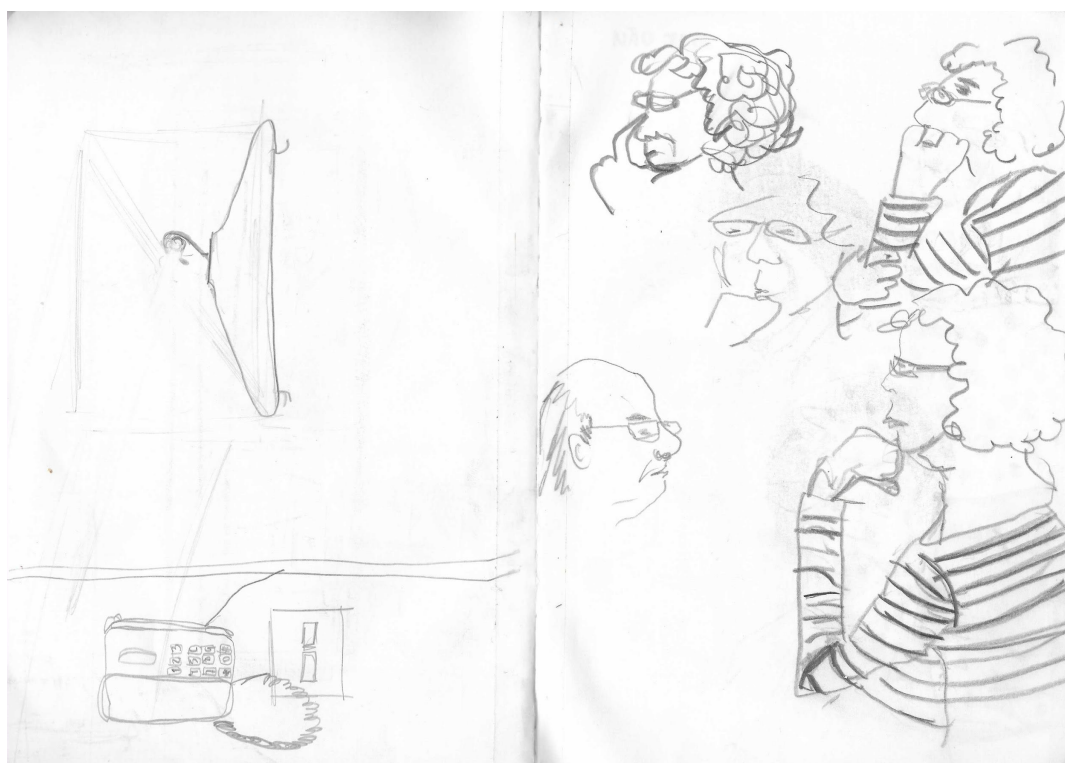


Figura 5 (Páginas 7 e 8)



Figura 6 (Páginas 9 e 10)



Figura 7 (Páginas 11 e 12)



Figura 8 (Páginas 13 e 14)

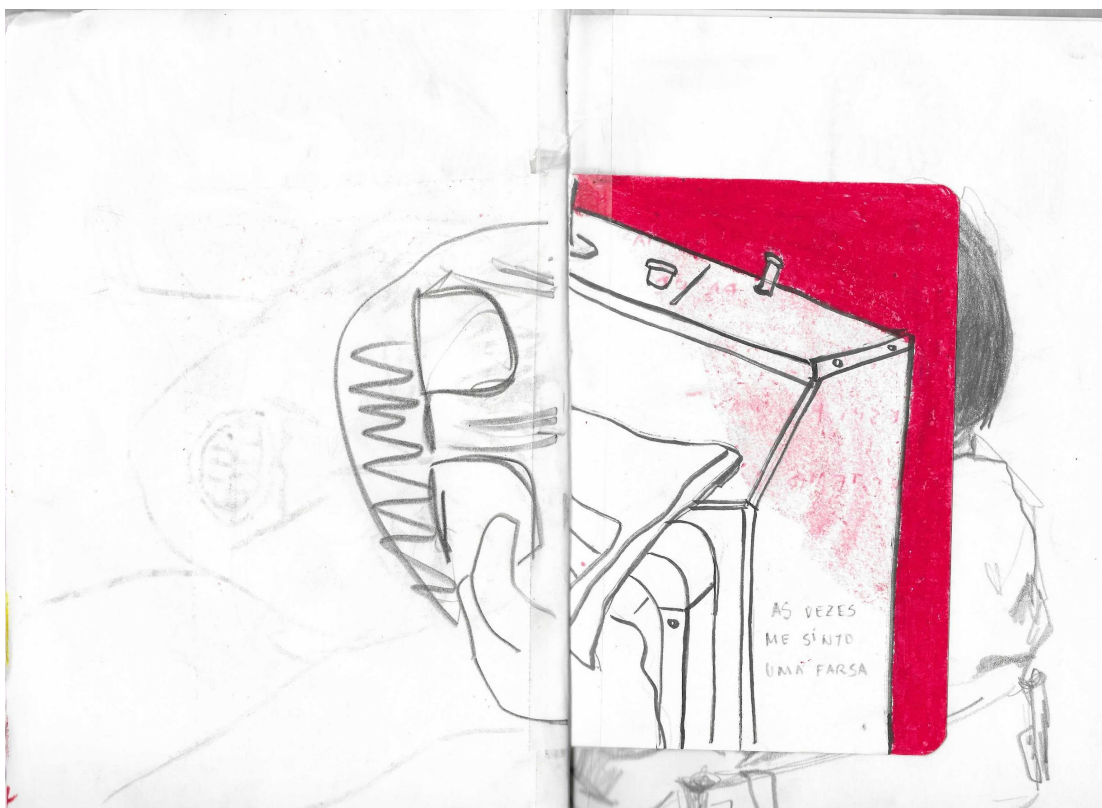


Figura 9 (Páginas 15 e 16)



Figura 10 (Páginas 17 e 18)



Figura 11 (Páginas 19 e 20)

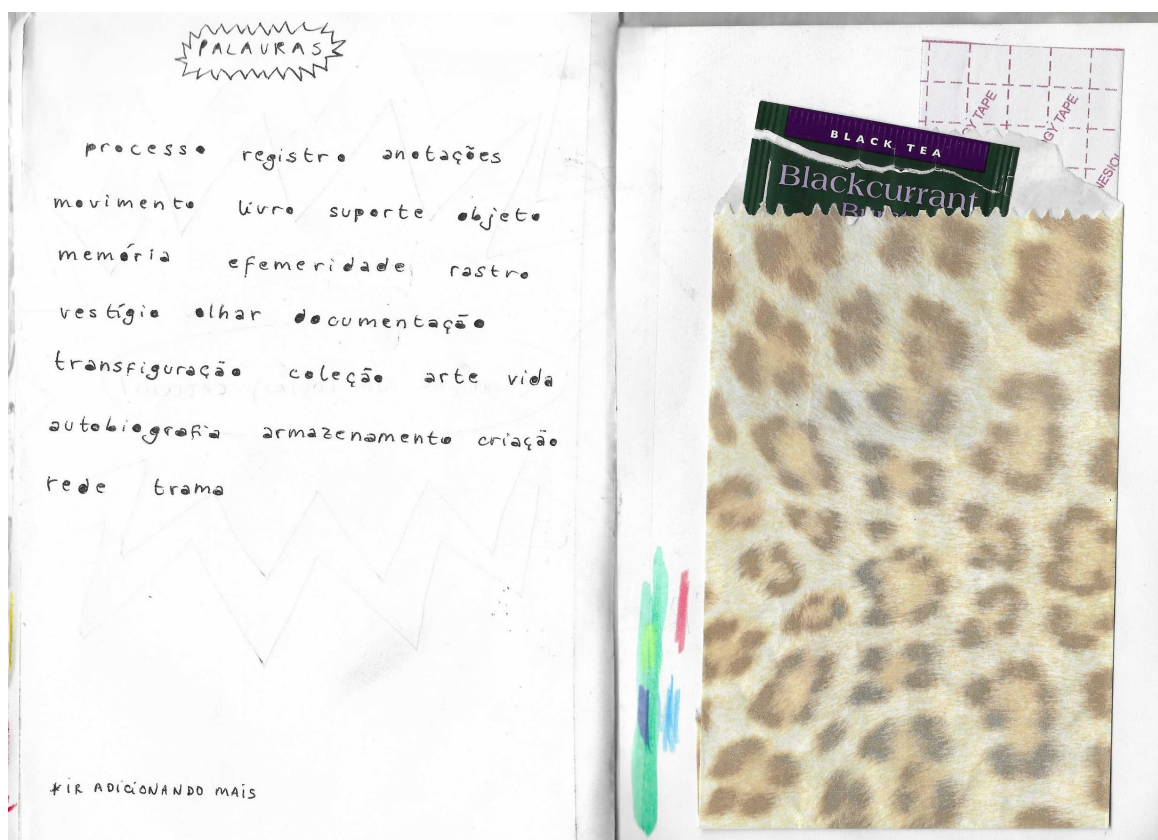


Figura 12 (Páginas 21 e 22)



Figura 13 (Páginas 23 e 24)

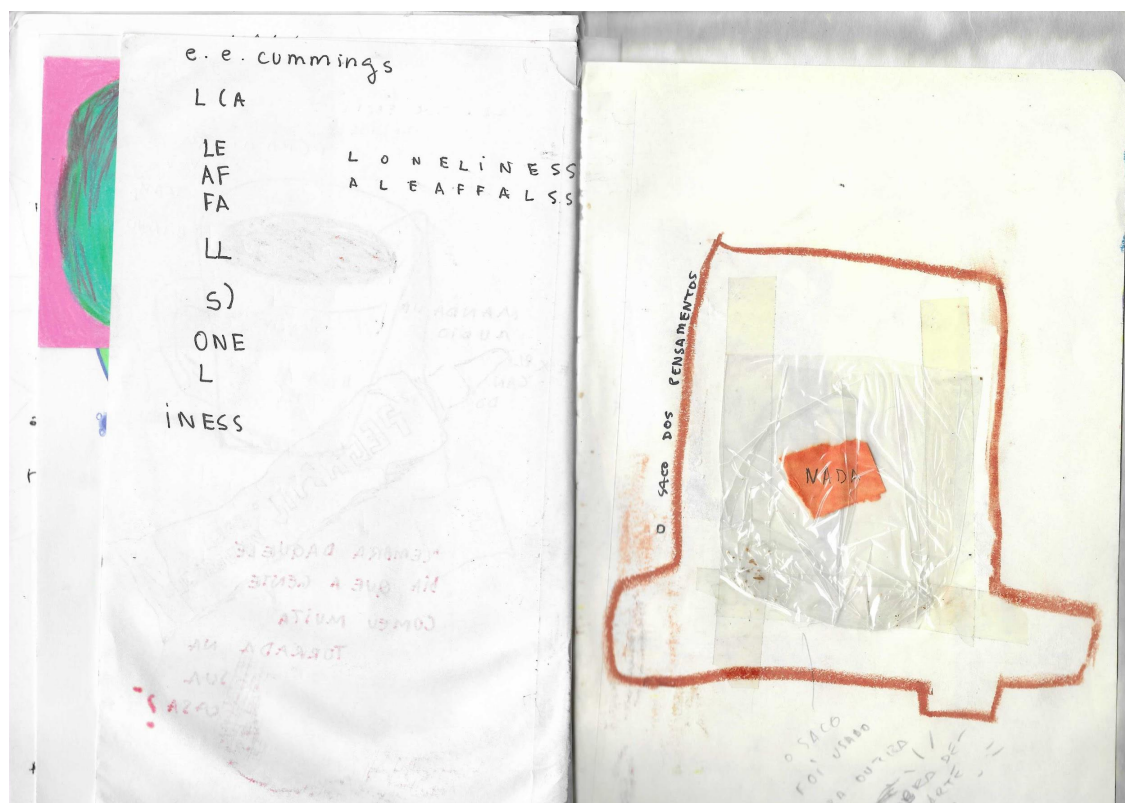


Figura 14 (Páginas 25 e 26)



Figura 15 (Páginas 27 e 28)

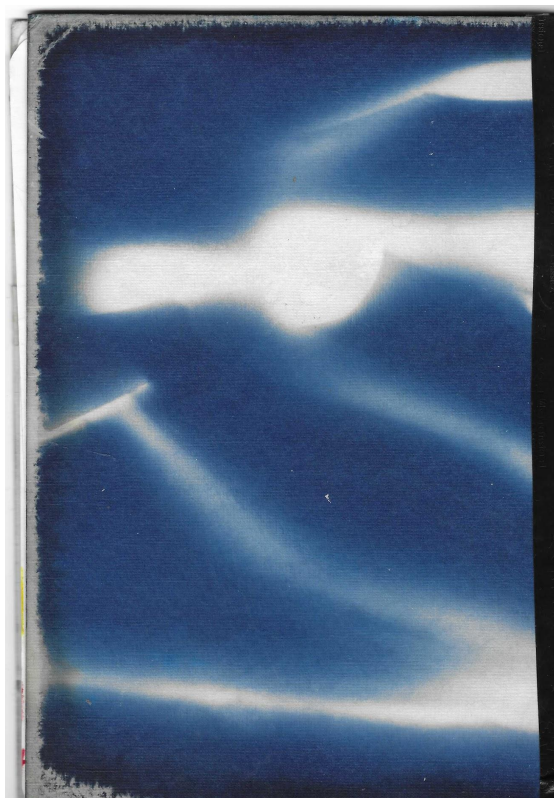


Figura 16 (Contracapa)

Considerações Finais

A pesquisa desenvolvida neste trabalho é resultado de anos de produção artística. Desde que me entendo como gente, desenho. Cadernos foram uma maneira de arquivar e manter viva a memória desses desenhos. Quando me deparei com o desafio de escrever um Trabalho de Conclusão de curso, me pareceu extremamente intuitivo fazê-lo sobre esse tema. A ideia surgiu a partir da disciplina de Histórias de Vida da Professora Rejane Coutinho, em 2020. A proposta da disciplina era que fizéssemos uma apresentação sobre aquilo que considerássemos relevantes e pudessem nos ter levado a escolher cursar Artes Visuais na faculdade. Minha escolha foi bastante imediata, queria falar sobre cadernos.

Ao falar de cadernos, foram desdobrando-se outros temas, como o conceito de registro, que acabou tornando-se um dos eixos centrais deste trabalho. Falar de registro envolve falar de processo criativo, que envolve falar daquilo que não é linear, envolve falar de movimento. Ao me deparar com essa noção de registro, me veio em mente um livro que havia lido logo no começo da graduação, o livro de Redes de Criação, de Cecília Almeida Salles. A partir daí, tudo foi se conectando e fazendo sentido.

Entrando em uma investigação a respeito do conceito de registro, comecei a entendê-lo de maneira expandida, para além dos cadernos. Comecei a entender que o registro pode ser tudo. Pode ser uma fotografia, um vídeo, uma gravação de voz, um objeto encontrado na rua. Mas pode também ser um desenho ou uma anotação escrita. E esse desenho ou anotações pode estar dentro de um caderno. O caderno então foi entendido como suporte para o registro. E o registro foi entendido como uma ação, uma ação de guardar e pôr em memória os acontecimentos da vida. Falar então de registro e de caderno, é falar de memórias e de história de vida.

Por esse motivo, me pareceu fazer todo o sentido rever os cadernos que eu havia guardado ao longo de todos os meus anos de existência. E isso foi como fazer um passeio por minha própria memória. Na parte de Licenciatura, rever meus cadernos de infância, significou rever e repensar meu percurso como artista e arte-educadore e perceber o grande impacto que esse objeto tão precioso, o caderno, teve em minha vida. Já na parte de Bacharelado, resolvi rever todos os cadernos que preenchi ao longo da minha graduação.

Após esse extenso processo de rever todos esses cadernos, me pareceu muito natural a escolha de elaborar um “novo velho caderno”, de forma a ressignificar meus antigos cadernos. Isso significou também ressignificar minhas memórias e reorganizá-las. Enquanto eu ia fazendo o ‘Caderno nº 4’, ou o ‘velho novo caderno’, eu ia me dando conta de como tudo aquilo que eu havia desenvolvido a respeito dos conceitos de registro e caderno, estavam, de alguma maneira, já presentes em meus cadernos antigos. A partir de então, foi um processo de seleção, tive que, entre todos aqueles cadernos, fazer uma seleção das páginas que eu julgava conseguirem exemplificar e abarcar tudo aquilo que eu estava dizendo. Tratei, então, de fazer uma seleção abrangente, que contivesse anotações escritas de maneira rápida, anotações de trechos de livros que eu estava lendo, desenhos de observação, auto retratos, objetos encontrados na rua e guardados no caderno, ideias para obras futuras.

Fazer essa seleção foi entender que tudo aquilo que eu estava querendo elaborar, já estava elaborado, nos meus próprios cadernos, sem mesmo que eu me desse conta. Foi um processo muito bonito. E digo processo, porque é algo não conclusivo, e que não tem fim.

Referências Bibliográficas:

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La Frontera: The New Mestiza. Ed. Aunt Lute Books, 2012.

BILL LUHMANN - "TUDO COMEÇA COM C". Museu Victor Meirelles. Disponível em: <https://museuvictormeirelles.museus.gov.br/exposicoes/temporarias/arquivo/2012-2/bill-luhmann-tudo-comeca-com-c/> Acesso em 05 de Dezembro de 2022

CASSUNDÉ Bitu; RESENDE Ricardo. Leonilson - Sob o peso dos meus amores. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, 2012.

FERNANDES, Maria Paula Palhares. Comunicação nos Processos de Criação: Cadernos de Artista, 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/5220/1/Maria%20Paula%20Palhares%20Fernandes.pdf> Acesso em 12 de Setembro de 2022

GUARALDO, Lais. A diversidade de processos nos cadernos de criação, 2012. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/apcg/edicao10/Lais.Guaraldo.pdf> Acesso em 04 de Setembro de 2022

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual: Propostas para uma nova narrativa educacional. Ed. Mediação, 2018

SALAVISA, Eduardo. Viajar como Diário Gráfico. Lisboa, 2012. Disponível em: <http://diario-grafico.blogspot.com/p/textos.html> Acesso em: 29 de Agosto de 2022

SALLES, Cecília Almeida. O Gesto Inacabado. 1. ed. São Paulo: FAPESP, Annablume. 1998

SALLES, Cecília Almeida. Redes de Criação: construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte. 2006

SUZUKI, Clarissa Lopes. Cadernos de Artista: páginas que revelam os olhares da arte e da educação, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-08062015-124306/publico/Clarissa_ONLINE.pdf Acesso em 23/09/2022

